



LSPA

INSTITUTO UNIVERSITÁRIO
CIÊNCIAS PSICOLÓGICAS, SOCIAIS E DA VIDA

Estudo e análise das problemáticas identificatórias,
esquizóide e narcísica
na vida e na obra de Eric Blair

Miguel Guimarães Barros de Sá

Orientador de Dissertação:

PROF. DOUTOR LUÍS ROMANO DELGADO

Coordenador do Seminário de Dissertação:

PROF. DOUTOR LUÍS ROMANO DELGADO

Tese submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de:

MESTRE EM PSICOLOGIA

Especialidade em Psicologia Clínica

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação de Prof. Dr. Luís Romano Delgado, apresentada no ISPA – Instituto Universitário para obtenção de grau de Mestre na especialidade de Psicologia Clínica conforme o despacho de DGES, nº 19673/2006 publicado em Diário da República 2ª série de 26 de Setembro de 2006.

AGRADECIMENTOS

Os meus primeiros agradecimentos, e os mais importantes, vão para aqueles que me acompanharam de perto ao longo deste trajecto, que com a sua experiência, solicitude, disponibilidade e conhecimentos me ajudaram a crescer, contribuindo decisivamente para o produto final. Saliento, principalmente, o Professor Doutor Luís Romano Delgado, bem como os meus colegas de seminário, com quem percorri um longo caminho.

Não menos importantes são os agradecimentos que dirijo a todos aqueles que fazem diariamente parte da minha vida, e que de uma forma mais ou menos clara souberam apoiar-me e incentivar-me a fazer mais e melhor. Em primeiro lugar tenho de referir a minha família, pai, mãe, Sofia, Pedro, Eduardo e Raquel, um imenso, imenso obrigado por estarem sempre do meu lado. Um enorme obrigado também para os meus grandes amigos Duarte Gatinho, Marta Pereira, Vânia Bernardo, Inês Duque, Pedro Tomás, José Carvalheira, Leonardo Reis, David Felício, Tiago Faro e Gabriela Santos. Um obrigado, não menos sentido, para a Raquel Carvalho, Joana Quarenta, Catarina Santos, Rita Dantas, João Marques, Sara Augusto, Rita Ferreira, Nuno Lourenço, Gustavo Carvalho, Eduardo Maduro, Ricardo Margalho e Rui Rodrigues.

A todos, um sincero obrigado.

RESUMO

Eric Arthur Blair, sob o seu pseudónimo George Orwell, foi um dos autores mais lidos e influentes do século XX, com uma obra de profundidade ímpar sobre os acontecimentos sociais e políticos do Império Britânico e da Europa da primeira metade do século. A pessoa por detrás do pseudónimo, no entanto, continua a ser encarada na cultura popular como complexa e misteriosa. Neste sentido, o objectivo do estudo passou pela análise da vida e da obra do autor, recorrendo a três das principais biografias do autor, segundo uma perspectiva psicanalítica, da qual emergiram três dimensões pertinentes e sobre os quais o presente estudo se focou: as oscilações identificatórias, a esquizóidia e o narcisismo. O estudo pretendeu perceber a forma como estas dimensões condicionaram e moldaram a sua vida, bem como a forma como se manifestaram, directa ou indirectamente, na sua obra literária.

Palavras-chave: vida, obra, oscilações identificatórias, esquizóidia, narcisismo.

ABSTRACT

Eric Arthur Blair, under his pseudonym George Orwell, was one of the most read and influential authors of the twentieth century, with a work of unique profundity about the social and politic scene of the British Empire and Europe of the first half of the century. The person behind the pseudonym, however, remains in popular culture as unusually complex and mysterious. Thereby, the purpose of this essay was to analyze the life and work of the author, using three of the main author biographies, according to the psychoanalytic point of view, from which emerged three main dimensions and which this study focused: identifications and their oscillations, schizoid organization and narcissism. This study intended to comprehend how these dimensions conditioned and molded his life, as well as the way they manifested their selves, direct or indirectly, in his literary work.

Key words: life, work, identifications and their oscillations, schizoid organization, narcissism.

ÍNDICE

RESUMO	IV
ABSTRACT	V
PARTE I – REVISÃO BIBLIOGRÁFICA DAS TRÊS DIMENSÕES EM ESTUDO	1
A IDENTIFICAÇÃO	1
A ESQUIZÓIDIA	8
O NARCISISMO	14
PARTE II – BIOGRAFIA	21
PARTE III – ESTUDO DAS TRÊS PROBLEMÁTICAS NA VIDA E NA OBRA DE ERIC BLAIR	23
A PROBLEMÁTICA IDENTIFICATÓRIA	23
A PROBLEMÁTICA ESQUIZÓIDE	30
A PROBLEMÁTICA NARCÍSICA	36
CONCLUSÃO	44
BIBLIOGRAFIA	47

PARTE I – REVISÃO BIBLIOGRÁFICA DAS TRÊS DIMENSÕES EM ESTUDO

A Identificação:

A identificação “é um ingrediente indispensável da teoria psicanalítica” (Etchegoyen, 1985, p. 3) e “toca em quase todos os aspectos do desenvolvimento e organização da personalidade”, sendo um “mecanismo central no processo de formação do ego e da identidade, e está directa e primariamente ligado à formação do superego. Também é um dos mecanismos de desenvolvimento mais importantes na formação do carácter” (Meissner, 1970). Em 1897, numa carta dirigida a Fliess, Freud mencionou pela primeira vez o conceito, considerando “a identificação como um mecanismo subjacente no espasmo histérico” (op. cit), salientando ainda que “o contexto principal das neuroses histéricas era uma identificação com a sua mãe” (op. cit).

Com a publicação de *Interpretação dos sonhos* em 1900, Freud considera que a “identificação não é apenas uma simples imitação por assimilação na base de pretensões etiológicas semelhantes; expressa uma semelhança e expressa um elemento comum que se mantém no inconsciente” (Freud, 1900, p. 150). Neste período, a identificação “é ainda um construto explicativo”, sendo “um mecanismo de expressão de impulsos libidinais instintivos que circunscreve esforços repressivos. É um processo através do qual energias instintivas são canalizadas patologicamente – tanto na patologia desperta ou na permissiva sintomatologia do sonho” (Meissner, 1970), sendo sempre uma identificação parcial, tratando-se frequentemente de um único traço do objecto.

Até ao estudo da melancolia (1917),

a identificação era vista como um servidor inconsciente das necessidades de superar o pai e ter acesso à informação sexual privilegiada (...) sugerindo que o pensamento de Freud estava a mover-se de um nível sintomático e comportamental para um nível de aspectos da personalidade mais permanentes e duradouros (Meissner, 1970).

Durante este período,

há um alargamento conceptual no uso da identificação, uma terminologia relacionada (incorporação, introjecção, identificação) foi adoptada (...) e também parece claro nesta altura que a identificação estava relacionada com o modo oral incorporativo e constituía uma forma psicologicamente significativa de poder deixar entrar objectos e preservá-los como uma parte da sua própria estrutura (Meissner, 1970),

bem como o reconhecimento da ambivalência das identificações primárias, uma vez que o amor na fase oral-canibalista “é consistente com a abolição da existência separada do objecto” (Freud, 1915, p. 143).

O estudo da melancolia marcou outro avanço no estudo da identificação, uma vez que permitiu a Freud, pela primeira vez, distinguir a identificação narcísica e a identificação histérica com o objecto. Para Freud, a diferença “entre identificação narcísica e histérica pode ser vista desta forma: que, enquanto na primeira a catéxis do objecto é abandonada, na última persiste e manifesta a sua influência, embora esteja habitualmente confinada a certas acções isoladas” (Freud, 1915, p. 250). Para Meissner (1970), ambas mantêm a virtude da ligação com um objecto, uma vez que

a identificação histérica serve o desejo de preservar a ligação com o objecto através da assimilação de algumas das suas características. A identificação narcísica põe o *self* no lugar do objecto para que se torne o alvo do próprio ódio originalmente direccionado para o objecto, mas não altera o sujeito com a assimilação das suas características (Meissner, 1970),

que seria “o estádio preliminar da escolha objectal (...) – que é expressa de forma ambivalente – na qual o ego escolhe um objecto” (Freud, 1917, p. 255).

No capítulo sobre a identificação no livro *Group Psychology and the Analysis of the Ego*, de 1921, Freud considera a identificação como “o laço emocional mais precoce de ligação com outra pessoa” (Meissner, 1970). A identificação seria, assim, “um derivado da organização libidinal da fase oral (...) onde o objecto desejado é assimilado e consumido” (op. Cit.) Assim, mantendo a distinção entre identificação narcísica e identificação histérica, Freud sistematiza que

primeiro, a identificação é a forma original de um laço emocional com um objecto; segundo, de uma forma regressiva torna-se o substituto de um laço objectal libidinal, através da introjecção do objecto para o ego; terceiro, pode surgir com qualquer nova percepção de uma qualidade comum partilhada com alguma outra pessoa que não é objeto do instinto sexual (Meissner,1970).

Com a emergência do modelo estrutural no livro de 1923 *O ego e o Id*, “o mecanismo de identificação torna-se intimamente envolvido com a formação do superego, e assim a identificação adquiriu uma função explicitamente estruturalizante que até então era mais ou menos implícita” (Meissner, 1970). A identificação passa agora a ser um factor importante na construção do carácter do indivíduo, e não requer obrigatoriamente a perda da catéxis libidinal do objecto. Para Freud, “as identificações decisivas para a forma assumida pelo ego derivam da introjeção dos pais no fim o complexo de Édipo; (...) este tipo de identificação, assim, é sempre secundário à catéxis objectal” (Etchegoyen, 1985). Mas as identificações seriam igualmente importantes na formação do superego”. Segundo Meissner (1970), “as primeiras e mais precoces identificações com os pais estão na origem do ego ideal (superego)”, que “reterea as principais características das pessoas intobjectadas” (Freud, 1924, 167). Nesse sentido, Freud reconheceu 3 tipos de identificação:

a identificação é a forma mais primitiva de um laço emocional com um objecto; a identificação substitui o laço com o objecto, introjectando-o regressivamente para o ego e; a identificação ‘pode surgir com uma nova percepção de uma qualidade comum partilhada com qualquer outra pessoa que não é um objecto do instinto sexual (Etchegoyen, 1985).

Freud ressaltou ainda que, “se as identificações forem demasiado numerosas, demasiado poderosas ou incompatíveis, podem tornar-se desligadas umas das outras através de resistências com uma conseqüente disrupção do ego com resultados patológicos” (Freud, 1923, p. 30).

Finalmente, num dos seus últimos trabalhos, Freud “fez um segundo esforço (...) para iniciar uma teoria da identificação no desenvolvimento da mente (...) O termo era identificação primária” (Compton, 1985). Além disso, a ideia “de identificação tão importante no desenvolvimento normal como na psicopatologia tornou-se muito mais substantivo” (op. Cit.), considerando que “coexistia com o objecto de amor, substitui-lo, e a tempos ser indistinguível do objecto de amor” (op. Cit.). aprofundando ainda as suas considerações sobre a identificação dentro de uma lógica estrutural, considerando que “a amálgama das identificações anteriores (*primárias*) e posteriores (*secundárias*) constituem o núcleo do superego” (Meissner, 1970).

Abraham, contemporâneo de Freud, não fala de identificação, mas partiu dele a introdução do termo introjeção, que “terá sido, para ele, uma resposta geral para as questões de como as pessoas se relacionam e como é que qualquer coisa se torna mental” (Compton, 1985), considerando-o um fenómeno neurótico, onde “o neurótico está constantemente a procura de objectos com os quais se possa identificar, para quem possa transferir sentimentos” (Ferenczi, 1909, pp. 40-41). Abraham também se centrou no estudo da introjeção, que também considerava

ser um fenómeno de natureza oral. Para Abraham, “o acto de introjectar e devorar o objecto é um acto que é uma forma especificamente melancolica de identificação narcísica” (Abraham, 1924, p. 464), e Compton (1985) considera a teoria de Abraham como “uma teoria de relações objectais patocêntrica onde as fantasias são tomadas como estruturas e processos mentais e o conflito ocorre entre tendências instintivas diferentes”.

Melanie Klein acreditava que a “introjeção do objecto no ego traz consigo a identificação, identificação secundária a uma carga objectal que teve de ser abandonada e que vai formar o superego e contribuir, ao mesmo tempo, para a organização do ego” (Etchegoyen, 1985). Daí Klein considerar o superego como um “precipitado de múltiplas identificações contraditórias” (op. cit), que seriam objectos parciais e traduziriam objectos de amor e de ódio, introduzindo o termo identificação projectiva, que descreveria “a maneira típica do ego funcionar, que consistia na divisão e projecção de partes suas no objecto” (op. cit.), e que abre a identificação a outros que fenómenos que não apenas os introjectivos.

Desde Klein até aos autores mais contemporâneos, o foco tem sido no facto aparente que as representações dos objectos e as relações objectais estão armazenados na mente, mas não apenas como imagens: elas também vistas como alteradoras e estruturalizantes da personalidade. H. Koff (1961), na sua tentativa de sintetizar o conceito de identificação, definindo-o em 3 dimensões:

primeira, representa a clivagem da libido do objecto externo para o objecto interno; segundo, estruturalmente representa mudanças no *self* para se assemelhar ao objecto; terceira, dinamicamente é feita através da regressão a um estágio de identificação primária onde o *self* e objecto não são diferenciados (Koff, 1961).

Sandler (1960) considera a “identificação primária no sentido literal, de fusão e confusão entre *self* e não *self*” (Etchegoyen, 1985) enquanto a identificação secundária representa uma tentativa de criar a ilusão da identificação primária, sendo que as identificações seriam apenas os fenómenos que modificam o ego, equanto “considera as identificações do superego como uma combinação de introjeções com as identificações do ego correspondentes” (Etchegoyen, 1985).

Jacobson (1964) fala dos percussores das futuras relações objectais, onde as identificações mais primárias, com “fantasias precoces de desejo de fusão e de estar em harmonia com a mãe (seio), são certamente a fundação sobre a quais todas as relações objectais, bem como todos os tipos de identificação, são construídas” (p. 39). Estas “identificações afectivas primárias” (op. Cit.) dão lugar a outro tipo de identificação, “onde a criança tenta imitar o objecto de amor que

assume um carácter ‘como se’, onde a criança acredita que ao imitar a sua mãe se transforma nela” (Etchegoyen, 1985). A identificação ocorreria se “a mãe estiver empaticamente sintonizada de uma forma mutuamente praserosa com a criança (...) e que ‘absorve’ a agressão, o que parece dizer que os impulsos destrutivos diminuem quando a identificação ocorre” (Andreson, 1980), pelo que, para Jacobson, “a imagem estável do *self* depende de identificações bem sucedidas por um lado, e a distinção entre a representação do objecto e do *self*, por outro” (Mahler cit. In Kramer, 1986).

Meissner afirma que a identificação é “a forma original e primitiva de ligação emocional a um objecto antes de qualquer relação objectal. O modelo para esta relação é a incorporação da fase oral do desenvolvimento libidinal” (1970) uma “união simbiótica anterior à diferenciação do sujeito e objecto” (1970). Já Chasseguet-Smirgel (1975) considera que “o ego da criança se enriquece pelas introjeções e sucessivas (secundárias) identificações que se opõem à reunião regressiva do ego e do ideal do ego, que tem lugar na área de identificação primária” (p. 111), e que estas identificações “diminuem a margem entre o ego e o ego ideal por meio de novas aquisições que foram alcançadas” (Etchegoyen, 1985). Deste modo, “as identificações primárias estão ligadas ao ego ideal, e as secundárias ao complexo de Édipo e à formação do superego” (op. Cit.). Meltzer (1975), por seu lado, fala de identificações adesivas para descrever identificações superficiais, sem consistência e vazias, onde o objecto se torna preso ao objecto e assim assume a sua (precária) identidade.

As identificações, pela importância que os autores ao longo da literatura psicanalítica têm vindo a enfatizar, ao nível da construção da estrutura da personalidade, bem como do carácter do indivíduo, exigem que se considere a identificação – ou as falhas ao nível identificatório – como promotora de um desenvolvimento patológico da personalidade, ou como precursora de patologia, tal como intuído por Freud nas suas considerações iniciais sobre as identificações históricas, mas num espectro muitíssimo mais alargado.

Fuch (1937) cita Schiner (1926) para descrever o “desenvolvimento caracterizado por oscilações entre o trauma e a integração (...), onde o indivíduo fica ‘demente’ por novas circunstâncias que são resolvidas através de identificações” (Andreson, 1980). O falhanço das identificações, assim, contribuiria para a demência do indivíduo, que estaria sujeite aos efeitos nocivos dos traumas infantis. De Sassure (1939) distingue identificações produzidas pela admiração e afecto e “identificações produzidas por relações de ‘desconfiança’ e são o resultado da inveja, ciúme e aflição” (op. Cit.), bem como identificações onde “o amor pode ser uma substituição ou uma formação reactiva ao ódio” (Sassure, 1939), o que compromete o

desenvolvimento e a empatia e gera manifestações de desprezo pelos outros. Hendrick (1942, 1943, 1951) concluiu que as identificações “são cruciais para o solucionamento de várias situações de ansiedade ligadas a fantasias de impulsos agressivos” (Andreson, 1980) e que as identificações “são sempre o resultado de uma relação emocional com outro. O ‘provocador’ (das identificações) é a inveja do frustrador” (op. Cit.).

Elderberg (1938) fala de pseudo-identificações, que considera uma “manobra puramente defensiva para afastar a ansiedade (...) causada pela relação objectal real” (Koff, 1961), enquanto Alice Balint (1943) fala de situações onde a identificação parece uma adaptação de “fazer sem algumas coisas” concluindo que “quando a identificação é usada na forma de defesa é, de facto, uma derivativa do narcisismo e magia e portanto bastante patológico” (op. cit). Helene Deutsch (1942), no seu artigo sobre as personalidade “as *if*”, considera que estes indivíduos não têm

verdadeiros sentimentos e interesses ou conseguiram desenvolver identificações do ego e do superego duradouras, mas agem como se tivessem (...) e os mecanismo de identificação do ego são finos e transparentes (...) com um ambiente que resulta numa adaptação ostensivamente boa (Koff, 1961).

Reich (1949) salienta que as identificações são formadas com as pessoas que representam a realidade frustrante, daí a situação de ambivalência (conflito) a que Freud se referia e que leva à identificação. A sua mulher, anos mais tarde (1954), “detecta uma ligação entre o desapontamento e a internalização, e a formação do ego ideal ligado à ‘ferida narcísica’” (Andresen, 1980). Greenson (1954) considera que “identificações activas seriam de cariz defensivo e serviam para prevenir a expressão de tipos de identificação primitivas orais sádicas” (Koff, 1961). Segal (1969) registou que muitos dos seus pacientes “repetiam o comportamento dos objectos envolvidos em experiências traumáticas desde a precocidade”, inclusivamente o ‘acting out’, a compulsão de repetição e a identificação com o agressor, introduzindo o termo ‘identificação com o agressor’ como uma “tentativa de domínio do ‘trauma passivamente experimentado’, através da identificação com a fonte da experiência traumática” (Andresen, 1980) e Etchegoyen & Rabih, (1981) falam da procura do objecto e da inveja intolerável do mesmo como o precursor das primeiras identificações.

Margaret Mahler (1964), por outro lado, insere a identificação no processo de simbiose-separação-indivuação, “enfazando a necessidade de a mãe ser o ego auxiliar da criança, o farol de orientação, a fonte de confiança básica no mundo da realidade” (Kramer, 1986). Mahler (1968) considera que “o método primário da formação da identidade consiste no reflexo mútuo durante a fase simbiótica. Este reflexo libidinal narcísico reforça o delineamento da identidade”, pelo que “a internalização e identificação com a mãe facilitadora oferecem uma fonte de amor pelo *self* e

auto-estima na criança” (Kramer, 1986), que no decorrer do desenvolvimento, conjuntamente com as identificações posteriores, vão ser importantes na formação/solidificação de sentimentos de individuação, do narcisismo secundário, e da integração de sentimentos ambivalentes face ao *self* e ao outro. Mahler salienta ainda a importância do papel do pai, “não apenas como uma segunda mãe mas providenciando a criança com uma qualidade diferente de estimulação” (op. cit.), indo de encontro à ideia de Leowald (1951), que salienta “o papel do pai desembaraçar a criança de uma proximidade excessiva da mãe” (op. Cit.), promovendo a individuação e separação, e Abelin (1971), (1975), que enfatizou a importância do pai na triangulação precoce, bem como no desenvolvimento da coesão, constância e identidade da criança.

Silverman (1986), no seu artigo *Identification in Healthy and Pathological Character Formation*, relaciona a formação do carácter patológico com falhas no processo identificatório, indica que no decorrer do desenvolvimento da criança, e do processo de individuação da criança, “os mecanismos de identificação estão envolvidos simultaneamente na função de ‘identificar’ a diferença entre o *self* e o outro e na função de unir psicologicamente o *self* e o outro através da identificação com o outro”. Como a mãe

não é apenas identificada com a restauração da paz e contentamento e com a providência de experiências de prazer, mas também com dor, aflição, e sensações de fome (...) se o tom negativo predominar nas interações mãe-criança ou se houver demasiadas experiências estridentes, frustrantes, dolorosas ou enraivecidas (...), dá origem a um sentido básico de insegurança e instabilidade de confiar em forças seguras que podem ser encaradas como fontes de conforto e segurança (Silverman, 1986).

Finalmente, é importante fazer referência ao trabalho de Minna Emch, de 1944, de título *On 'The Need to Know' as Related to Identification and Acting Out*. No texto Emch fala do desconhecido como algo “universalmente apreendido na experiência como produtor de tensão”, uma vez que a “tranquilidade da vida uterina não pode ser reproduzida nem na mais favorável das situações, e o mundo é apresentado como um *milieu* interno e externo desconhecido” (op. cit). Assim, a criança é alguém muito indefeso e susceptível aos estímulos que experiencia, tanto interna e exteriormente, e é apenas durante o percurso de desenvolvimento, e com a ajuda dos cuidadores, que a criança vai organizando o seu mundo mental. Emch afirma que,

quando, quantitativamente ou qualitativamente, a experiência não consegue ainda ser assimilada pela criança, a ‘segunda melhor’ ferramenta ao seu dispôr é uma tentativa de conhecer através da repetição atenuada da experiência-estímulo disruptivo, especialmente se estiver relacionada com o mediador dessa experiência (1944).

Embora possamos relacionar esta ideia com a identificação com o agressor, Emch refere-se especialmente aos pais, que quando são “unknowable” – incognoscíveis – suscitam sentimentos de grande angústia e levam a criança a criar identificações superficiais – a que chamou identificações-conhecer – dos pais, numa tentativa de fazer face à angústia de não os conhecer ou de não compreender as suas atitudes, e que se perpetuaria durante a vida adulta, sendo “continuada e perpetuada na idade adulta e nas relações tardias” (op. Cit.), e que daria origem a episódios repetidos de *acting-outs* contínuos.

A Esquizóidia ou a Personalidade Esquizóide:

O termo esquizóide surgiu no contexto psiquiátrico, em 1908, pela mão do psiquiatra suíço Eugen Bleuler, que introduziu o termo para designar “a componente natural na personalidade do homem que dirige a sua atenção para o mundo interior fugindo do mundo exterior” (Akhtar, 1987, pp. 499-500). As personalidades esquizóides seriam o exagero deste mecanismo, sendo o termo usado, segundo Millon (1969) “para descrever pessoas que ilustravam comportamentos de exclusão e de retirada que não coincidem com as normas sociais de ser extrovertido e sociável” (cit. in Silverstein, 2007, p. 66), cuja vida psíquica seria caracterizada por “uma falta de uniformidade na afectividade e a existência de pulsões diferentes, mais, contrastantes” (Bleuler, 1908, p 175). Em 1925, Ernst Kretschmer ampliou as descobertas de Bleuler e propôs dois subgrupos distintos dentro da personalidade esquizóide: o subtipo hiperestésico e o grupo anestésico. Estes dois estados, embora contraditórios, não deviam ser encarados separadamente, pois seria a tensão entre estes dois estados opostos que estariam no centro da patologia esquizóide. Por entre muitas outras contribuições do campo psiquiátrico, poder-se-ão retirar as seguintes características: “retirada social, vida interna vivida, presença contraditória de sensibilidade e insensibilidade, caos sexual, irregularidades morais, peculiaridades cognitivas, objectivos vagos e flutuações nas relações com o outro, do extremo apego à completa retirada” (Akhtar, 1987, p. 501).

A noção de esquizóide chegaria eventualmente à literatura dinâmica, e embora Freud “não tenha discutido *per se* a personalidade esquizóide, as suas ideias claramente (...) subjazem todo o trabalho subsequente” (Akhtar, 1987, p. 502). Esse trabalho terá sido iniciado por Melanie Klein, que foi, entre os autores dinâmicos, o primeiro a debruçar-se sobre os factores esquizóides da personalidade, considerando a clivagem do eu como a sua característica fundamental. Esta

clivagem do eu – “uma manobra defensiva contra as ansiedades persecutórias infantis (Akhtar, 1987, p. 502) – seria a consequência dos mecanismos de negação e identificação projectiva, e que levaria a depositar partes idealizadas ou negadas de si mesmo no outro, o que explicaria ambivalência relacional presente nesta condição. Entretanto, W. Reich (1935) fala de um compromisso entre o desejo a favor e contra o envolvimento como estando na base da falta de contacto psíquico no indivíduo esquizóide.

O primeiro grande trabalho sobre as personalidades esquizóides surgiu pela mão de Ronald Fairbairn (1940), no seu texto *“Factores esquizóides da personalidade”*, de onde surgiriam as principais ideias sobre este tipo de personalidade, e que seria o ponto de partida dos autores que escreveriam posteriormente sobre o tema. Tal como Klein, Fairbairn considera a clivagem do eu “o fenómeno esquizóide mais característico” (p. 23), e que compromete, qualitativamente e até certo ponto, a função integrativa do Eu.

Observando os mecanismos esquizóides através da noção de orientação libidinal (preferida pelos psicanlíticas, segundo o próprio), Fairbairn considerou “as manifestações clínicas de uma ordem esquizóide (...) como originárias numa fixação na fase oral primária” (p. 23-24) seguindo a teoria psicogenética de Abraham, desenvolvendo a partir deste modelo as principais ideias acerca destes mecanismos.

Quando as circunstâncias são de molde a originar uma fixação libidinal na primitiva situação oral em questão, a atitude libidinal apropriada à primitiva fase oral persiste de uma forma exagerada (...) e a natureza desses efeitos pode ser melhor considerada à luz dos traços principais que (a) caracterizam (Fairbairn, 1940, p. 24),

nomeadamente: a tendência para a orientação em direcção a um objecto parcial; a predominância do receber sobre o dar na atitude libidinal; o factor incorporativo na atitude libidinal; e o esvaziamento do objecto como uma implicação da atitude libidinal.

A tendência para a orientação em direcção a um objecto parcial é, segundo Fairbairn, “um fenómeno amplamente regressivo determinado por relações emocionais insatisfatórias com os pais, e particularmente com a mãe, numa fase da infância subsequente à primitiva fase oral” (p. 27) presente nos indivíduos esquizóides. “O tipo de mãe com especial propensão para provocar esta regressão é a mãe que falha em convencer o filho, por meio de genuínas e espontâneas demonstrações de afecto, de que ela própria o ama como uma pessoa” (p. 27), podendo caber nesta categoria tanto mães possessivas como desinteressadas. Nestas circunstâncias, “a fim de simplificar a situação, a criança tende regressivamente para restaurar a relação na sua forma

primitiva e mais simples, e reviver a sua relação com o seio da mãe como um objecto parcial” (p. 27-28). A este tipo de regressão Fairbairn chamou de *despersonalização do objecto*, num movimento de *desemocionalização da relação de objecto*.

A predominância do receber sobre o dar na atitude libidinal descreve “a uma dificuldade considerável em dar no sentido emocional” (p. 28), ligada, sem dúvida, à “actividade oral, que envolve essencialmente uma atitude de receber”, o que é “emocionalmente equivalente a acumular conteúdos físicos” (p. 28-29). Fiéis à regressão à fase oral primitiva, os indivíduos esquizóides tendem a fazer uma “sobreavaliação do conteúdo mental correspondente à sobrevalorização do conteúdo físico implicado na atitude incorporativa oral da primeira infância” (p. 29), na qual resulta uma grande dificuldade em exprimir emoções e em manter contactos sociais presente nos indivíduos esquizóides, relacionado com o medo da perda do conteúdo emocional. A “defesa contra a perda emocional dá origem ao *recalcamento do afecto* e uma atitude de desinteresse” (p. 29) mas também a uma série de outras técnicas, das quais Fairbairn destacou a técnica de desempenhar papéis – uma defesa contra o contacto emocional genuíno – e a técnica exibicionista – “representa uma técnica de dar sem dar, por meio de uma substituição de ‘mostrar’ por ‘dar’” (p. 31).

O factor incorporativo na atitude libidinal reflete o objectivo do impulso oral. Por isso,

quando ocorre uma fixação na primitiva fase oral, cria-se uma atitude incorporativa na estrutura do Eu. No caso de indivíduos com uma componente esquizóide na sua personalidade, conseqüentemente, há uma grande tendência para que o mundo exterior vá buscar o seu significado demasiado exclusivamente ao mundo interior (p. 33),

levando a que os seus objectos tendam a pertencer mais ao mundo interior, e a uma identificação mais forte com os objectos internos. Explica-se, assim, a dificuldade dos indivíduos esquizóides em se darem, pois tendem a sentir-se “empobrecidos”, visto que “quando dão, dão á custa do seu mundo interior” (p. 33). Este sentimento de esvaziamento é combatido de diversas formas, seja a desvalorizar os próprios conteúdos mentais/criativos, seja “tratando aquilo que produziram como se ainda fizesse parte do seu próprio meio interno” (p. 34).

Esta preocupação com o mundo interior exprime-se também com uma tendência para a intelectualização, que funciona como um poderoso mecanismo de defesa e está muito presente nas personalidades esquizóides. Esta tendência leva o indivíduo esquizóide a “um esforço para organizar os seus problemas emocionais intelectualmente no mundo interior” (p. 35), o que leva a

uma libidinização dos processos de pensamento e os valores intelectuais a substituírem os valores emocionais, para além “de um sentido de superioridade interior” (p. 37).

Finalmente, o esvaziamento do objecto “é uma implicação da qualidade incorporativa da primitiva atitude oral” (p. 39), na qual a criança, perante uma situação traumática,

sente então que a razão para a aparente falta de amor da mãe em relação a si é o facto de ela ter destruído a sua afeição e a ter feito desaparecer. Ao mesmo tempo, (...) a sua aparente recusa em aceitar o seu amor é o facto do seu próprio amor ser destrutivo e mau (Fairbairn, 1940, p. 41).

Daí que o indivíduo esquizóide tenha dificuldade em demonstrar afectos ou “dar emocionalmente; porque nunca escaparam inteiramente ao receio das suas dádivas serem mortais” (p. 42). Esta atitude face ao afecto é recíproca, estando “pronto a interpretar o amor dos outros em termos semelhantes (...) e a erguer defesas, não só contra o seu amor pelos outros, mas também contra o amor deles, (...) porque sente que não deve amar nem ser amado” (p. 42).

R. D. Laing, psiquiatra escocês, no seu livro “*The Divided Self*” (1960), debruçou-se sobre as personalidades esquizóides segundo uma perspectiva fenomenológica, mas que ainda assim reforça muitas das ideias de Fairbairn. Laing fala-nos da “falta primária de segurança ontológica” (p. 83) provocada por um “nascer num mundo assustador onde o pavor não é mitigado pelo amor. O indivíduo está assustado com o mundo, temeroso que qualquer impacto seja total, penetrante, fragmentante, e que será engolido” (p. 83). Os mecanismos esquizóides aparecem então como um “esforço de auto-preservação na ausência de um sentido estável de autonomia e integridade” (p. 90), feito através da utilização de um falso-*self*, que apesar de levar a sentimentos frequentes “futilidade, falta de significado e propósito” (p. 80), são consequências necessárias que permitem ao verdadeiro *self* evitar sentir-se “esgotado, vazio, roubado” (p.83). Este *self* passaria, por seu turno, a relacionar-se com ele próprio e com os seus objectos, assentes em de ideias de “honestidade interior, liberdade, onnipotência e criatividade” (p. 89). A fantasia e a realidade dos sujeitos esquizóides estariam assim divididas, levando a sentimentos de culpabilidade, “falta de real liberdade, impotência e esterilidade” (p. 89) e a um empobrecimento do *self*.

Donald Winnicott (1965), um pouco à imagem de Laing, via a personalidade esquizóide como uma “variação da organização de um falso-*self*” (Akhtar, 1987, p. 504). Esta organização da personalidade em torno de um falso-*self* seria o resultado de “cuidados suficientes bons no estágio precoce antes da distinção entre o eu e o não-eu” (Winnicott, 1965, p. 57). Este cuidados suficientemente bons “possibilitam a mãe pressentir as expectativas e necessidades mais precoces do seu bebé” (p. 135) e evita que a criança se exponha a “ansiedades inimagináveis” (p. 59) que,

na sua imaturidade, está “continuadamente a pique de sofrer” (p. 56), relacionada com uma de quatro angústias fundamentais: desintegração; queda contínua; falta de conexão com o corpo, desorientação. A personalidade esquizóide seria o resultado de “vários tipos e graus de falhas em cuidado, manejo e apresentação do objecto no estágio inicial” (p. 58).

Harry Guntrip, no livro de 1969 “Fenómenos Esquizóides, Relações de Objecto e o *Self*”, escreve aprofundadamente sobre o fenómeno esquizóide seguindo, à imagem de Fairbairn ou Winnicott, a perspectiva das relações objectais. Guntrip centra-se no dilema esquizóide fundamental, que passa por um “profundo pavor de entrar numa relação realmente pessoal, (...) porque, apesar da sua necessidade de um objecto de amor ser tão grande, ele apenas pode suportar uma relação a um profundo nível emocional na base da dependência total infantil” (Guntrip, 1969, p. 48). Esta avidez por uma relação com o objecto de amor a um nível tão primitivo leva Guntrip a introduzir o importante termo “esquizóide sedento de amor”, para quem, “virado para si próprio com um objecto excitante mas abandonado, todas as relações são sentidas como coisas “engolidoras”, que apanham, aprisionam e destroem” (p. 48). Daí que o sujeito esquizóide se sinta “*impelido para* uma relação pelas suas necessidades até que se afastam mais uma vez com medo de gastar o seu objecto de amor (...) ou perder a sua própria individualidade através da sobre dependência e identificação” (p. 48). Por outras palavras, sem o seu objecto de amor o indivíduo sente-se “inseguro e perdido, mas quando reunido com ele sente-se engolido, asfíxiado e absorvido” (Akhtar, 1987, p. 504)

Guntrip justifica este comportamento típico esquizóide pela “recusa atormentadora dos cuidadores primários que provocaria um impulso incorporatório tão forte (...) que provocaria um medo profundo do mundo exterior, ou a deserção emocional das figuras parentais que levava à procura de gratificação dentro do próprio sujeito” (Akhtar, 1987, p. 504). A profundidade do trauma é, para Guntrip, tão grande, que a solução passaria pela “dissolução da identificação e a maturação da personalidade, a diferenciação entre ego e objecto, e (...) renascer psíquico e o desenvolvimento de um ego real” (Guntrip, 1969, p. 48). Finalmente, Guntrip definiu ainda nove características da personalidade esquizóide, que se tornariam pontos de referência na identificação desta estrutura da personalidade: introversão, retirada, narcisismo, auto-suficiência, sentido de superioridade, perda da afectividade, solidão, despersonalização, e tendência para a regressão.

Masud Khan, através de diversas publicações (1963, 1974, 1976, 1983), procurou entender a personalidade esquizóide através da “relação peculiar entre mãe e filho” (Akhtar, 1987, p. 504). Khan abordou a temática de uma forma integrativa, e, segundo o autor, o principal papel da mãe na relação com o filho seria o de *ego-coverage* (traduzido à letra, cobertura do ego), que

traduz “a ideia de proteger a criança/adolescente assistindo de forma sensível às suas necessidades, através de uma interação que envolve uma regulação mútua” (Cooper, 1993). Seria a falha nesse *ego-coverage* que levaria a um “trauma cumulativo patogénico de traições anaclíticas” (Akhtar, 1987, p. 504), o que conjuntamente com a noção de Khan de “omnipotência simbiótica” precipitaria o desenvolvimento esquizóide da personalidade. Nesta organização, segundo o autor, o indivíduo seria levado à “repetição do trauma, talvez para controlar a falha” (Cooper, 1993) e na sua impossibilidade o ego ficaria clivado e dissociado. Khan descreveu ainda as consequências comportamentais para o “trauma cumulativo” e a “omnipotência simbiótica”, que seriam, respectivamente, “pseudo complacência, auto-suficiência, defesa intelectual, retirada e autoerotismo, e a capacidade de mobilizar esperança nos outros, pensamento mágico, omnipotência, optimismo secreto e a expectativa de comunicação sobressensível por parte dos outros” (Akhtar, 1987, p. 505).

Em 1987, Salman Akhtar elabora um artigo onde procura “desenvolver um perfil fenomenológico do transtorno de personalidade esquizóide, que vai sintetizar a literatura clássica e contemporânea e correlacionar as suas características comportamentais com a sua organização psicoestrutural subjacente” (p.499), tendo em conta tanto a visão descritiva como dinâmica, além dos DSM-III e DSM-III-R. Assim, Akhtar concluiu que as “características clínicas da personalidade esquizóide envolvem seis áreas do funcionamento psicossocial” (p. 510), nomeadamente: o auto-conceito, relações interpessoais, adaptação social, ética e ideais, amor e sexualidade e, finalmente, o estilo cognitivo. Mais importante ainda, Akhtar dividiu as manifestações de patologia entre manifestações evidentes e encobertas, o que não são “consciência ou inconsciência mas denotam aspectos aparentemente contraditórios que são fenomenologicamente distinguíveis” (op. cit). Assim, “o indivíduo esquizóide é abertamente desligado, auto-suficiente, ausente, desinteressante, não-sexual, e moralmente idiossincrático enquanto é encobertamente delicadamente sensível, emocionalmente carente, agudamente vigilante, criativo, muitas vezes perverso, e vulnerável á corrupção” (op. cit).

O Narcisismo:

“O conceito de narcisismo acaba por ser um dos conceitos mais problemáticos e obscuros em toda a teoria psicanalítica” (Baranger, 1991), e embora “seja uma das mais importantes contribuições para a psicanálise (...) é uma das mais confusas” (Pulver, 1970, p. 319). Esta confusão conceptual teve origem em Freud, que ao longo da sua obra atribui ao narcisismo “uma multiplicidade de significados (...) bem como um labirinto de problemas teóricos inerentes” (Baranger, 1991). Foi em 1910, na 2ª edição do trabalho “*Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade*”, que Freud usa pela primeira vez o termo narcisismo numa nota de rodapé, “na mesma maneira modesta como Sadger o havia feito: como um termo para o resultado dos processos dinâmicos da projecção e identificação por detrás de um padrão particular do comportamento homossexual” (Smith, 1985).

O artigo de 1914, *On narcissism*, marca uma linha divisória no pensamento de Freud, “revogando completamente a teoria dos instintos” (Baranger, 1991). Neste artigo, Freud encara o narcisismo como uma fase intermediária necessária entre a fase do auto-erotismo e o amor objectal, considerando-o como “complementar ao egoísmo do instinto de auto-conservação” (1914). A libido seria totalmente re-investida no próprio ego (neste caso, o ego refere-se ao indivíduo), num movimento narcísico secundário, que seria uma “retorno regressivo e patológico ao narcisismo primário da primeira infância” (Moncayo, 2006), permitindo a formulação de narcisismo primário, que seria a “catéxis libidinal original do ego” (Freud, 1914). É neste contexto que Freud distingue “dois tipos de libido: libido do ego e libido do objecto, que se contrastam e complementam” (Etchegoyan, 1991, p. 58). Freud introduz ainda a noção de ideal do ego, precursor do superego, sendo “originalmente concebido como o repositório do narcisismo primário original, i. e., em vez de absorver noções progressivamente inantigáveis da própria perfeição, é-se criado um ideal de perfeição ao qual se aspira” (Freud, 1914), e que seria o “herdeiro” ou versão adulta do narcisismo infantil” (Teicholz, 1978).

Freud, ao longo da sua obra, não encara o narcisismo enquanto uma patologia de carácter. Nos seus trabalhos seguintes, “à excepção de pequenas emendas, Freud não fez nenhuma tentativa subsequente de rever as suas ideias acerca do narcisismo ou integrá-las nos seus conceitos” (Moore, 1975). Estas emendas deveram-se à re-avaliação do modelo económico da mente, que em 1923 viria a ser substituído pelo modelo topográfico. A noção de fase auto-erótica foi abandonada, e o narcisismo primário corresponderia a “uma fase onde toda a libido está

depositada no id” (Smith,1985) durante a fase intra uterina. O ego, agora presente desde o início da vida psíquica, “obtinha a catéxis narcísica apenas secundariamente, à medida que era retirada da catéxis objectal” (Orstein, 1991), e o conceito de ideal do ego foi substituída pelo superego, cujas identificações seriam agora “identificações narcísicas” (Freud, 1917), possíveis graças ao fenómeno da sublimação.

Actualmente, o termo “tem sido relacionado com um campo muito mais vasto de distúrbios clínicos, um campo que inclui uma variedade de condições que refletem distúrbios significativos na atitude em relação ao *self* e a regulação do bem-estar e da auto-estima” (Joffe, & Sandler, 1987, p. 180). Waelder (1925), caracterizou os indivíduos narcísicos como “demonstradores de uma superioridade condescendente, uma intensa preocupação com a sua auto-estima, e uma falta de empatia e de preocupação com os outros enquanto mantém adapção externa adequada ao exterior” (Akhtar & Thomson, 1982). Waelder chamou ainda a atenção para o modo narcísico de pensamento, o que incluía “a libidinização do pensamento, a preferência de conceitos sobre os factos, e uma sobrevalorização dos seus processos mentais” (Walder, 1925). Williem Reich, no seu livro “Character Analysis”(1933), fala de um carácter “fálico-narcísico”, marcado por uma postura de superioridade, de arrogância, de confiança e de provocação, tendendo a ser sádicos nas sua relações, salientando ainda que “se a sua vaidade for ofendida, vão reagir com um desdém frio, marcado mau-humor ou agressão directa” (Reich, 1933) por força da fragilidade do seu ego.

Karen Horney (1939) estuda o narcisismo como um traço de carácter “restringido a situações de auto-inflação” (Cooper, 1986, p. 120) e define o narcisista como alguém “que se ama e admira por valores para os quais não tem fundamento” (Horney, 1939 cit. In Cooper, 1986, p. 120). Para Horney,

este tipo de auto-engradecimento é sempre a consequência de relações perturbadas na infância precoce, especialmente a alienação da criança dos outros provocada por ‘lutos e medos’ .O indivíduo narcísico é alguém cujos laços emocionais com os outros são ténues, que sofre uma perda da capacidade de amar (Cooper, 1986, p. 120),

pelo que, para “escapar aos sentimentos dolorosos de vazio moldando-se na fantasia de algo extraordinário (...) tornando-se o substituto da sua auto-estima desvalorizada” (Horney, 1939, pp. 92-93).

O narcisismo viria paulatinamente a readquirir importância a partir da década de 1950, sem dúvida por força da redefinição de Hartmann, que considerou o narcisismo como “a catéxis

libidinal não no ego mas no *self*” (Hartmann, 1950). Assim, “um elevado grau de catéxis narcísica implicaria um nível de catéxis objectal, e similarmente, um sobreinvestimento da representação objectal com a libido significaria que a quantidade de investimento narcísico deveria ser correspondentemente baixo” (Joffe & Sandler, 1987, p. 181). Esta nuance, embora pequena, reveste-se de enorme importância pois “era necessária para trazer o conceito de narcisismo para a teoria estrutural e colocá-lo dentro do modelo tripartido (...) e abrir o caminho para outros refinarem muitos conceitos psicanalíticos” (Orstein, 1991).

Annie Reich, no seu artigo “*Pathologic Forms of Self-Esteem Regulation*” (1960), define os narcisistas como “pessoas cuja libido está especialmente concentrada neles próprios às custas do amor objectal” (p. 46). O narcisismo, “per se um fenómeno normal” (p. 45), seria patológico caso ocorressem

experiências traumáticas, pre-genitais bem como genitais precoces, que estilhaçaram sentimentos primitivos de prazer e de inquestionável segurança. Estes traumas destruíram assim sentimentos infantis de poder de sujeitar o desobediente mundo objectal, incluindo o próprio corpo, aos desejos do ego infantil (Reich, 1960, p. 51),

infringindo feridas narcísicas na criança. Reich (1960) salienta ainda que o impacto de traumas tão precoces interferiria não só com a formação de defesas, mas também com a integração e desenvolvimento geral do ego, que retiraria a catéxis libidinal nos objectos e investia em si próprio e usaria fantasias narcísicas compensatórias, ligadas a um ideal do eu primitivo e a ideias de onipotência e de grandiosidade infantis próprias da fase onde as feridas se deram. Assim, como resultado, os indivíduos narcísicos teriam bitolas internas exageradas e irrealistas, procurando “constantemente o objecto de admiração como um meio de disfarçar o sentimento de inferioridade” (Akhtar & Thomson, 1982).

Também Balint se debruça sobre o narcisismo no artigo “*Primary narcissism and Primary Love*” (1960). Balint afirma que todo narcisismo é secundário ao investimento objectal original, encontrando-se subsequente à relação de objeto. Assim sendo, os sujeitos narcísicos seriam “desesperadamente dependentes do seu ambiente, e o seu narcisismo poderia apenas ser preservado na condição do seu ambiente estar disposto ou ser obrigado a cuidar dele” (Balint, 1960), e “a formação do ego ideal, (...) qualquer idealização, depende do narcisismo secundário” (op. cit).

Em 1961, Nemiah descreveu os indivíduos com transtorno narcísico do carácter como alguém que “demonstra uma grande ambição, objectivos irrealisticamente altos, intolerância pelos

falhanços ou imperfeições neles próprios, e um desejo quase insaciável por admiração” (Akhtar & Thomson, 1982), sendo as suas acções conduzidas por esta vontade de despertar a admiração nos outros. Akhtar e Thomson (1982) salientam ainda que Nemiah considerava que,

se os pais formulam padrões irrealisticamente altos para a criança e ela não consegue estar à altura desses padrões, tratam a criança com criticismo severo. A criança internaliza estas atitudes parentais, e enquanto adulto exige demasiado de si e torna-se demasiado ambicioso (...), tornando-se um prisioneiro das suas aspirações, das suas necessidades, e da sua severa auto-crítica (Akhtar & Thomson, 1982).

Masud Khan (1979) adicionou um importante passo à criação do *self* grandioso, “a relação da criança com a fantasia da mãe sobre o seu futuro e sua idealização” (Hunt, 1995), que levaria a que a criança tentasse viver à altura desta idealização.

Herbert Rosenfeld (1964, 1971) também negou a ideia do narcisismo primário de Freud, considerando “que muitas condições clinicamente observáveis (...) de narcisismo primário são, de facto, relações objectais primitivas” (Rosenfeld, 1964). Rosenfeld introduz um novo termo na literatura sobre o narcisismo, a inveja. “Adicionalmente, a dependência estimula a inveja, quando a bondade de um objecto é reconhecida. As relações de objecto narcísicas onnipotentes assim sendo previnem (...) o reconhecimento da inveja” (op. cit), e coloca-a no centro do distúrbio narcísico ao afirmar que “a força e a persistência das relações de objecto narcísicas onnipotentes estão intimamente ligadas à força da inveja da criança ” (op. cit).

Kohut (1966, 1968, 1971, 1972) apresentou uma teoria do narcisismo totalmente inovadora, com muitas mudanças conceptuais e terapêuticas. A formulação de duas linhas separadas de desenvolvimento para o narcisismo e para o amor objectal foi a primeira inovação conceptual de Kohut, como resultado das suas observações clínicas onde o “narcisismo arcaico atingia formas mais maduras sem a mobilização de uma transferência neurótica edipiana” (op. cit). Como Freud, Kohut também defende que o narcisismo era uma parte normal e saudável do desenvolvimento, mas ao contrário de Freud, Kohut considerava que o narcisismo primário era um espaço de união indiferenciada com a mãe, pelo que “severas e prolongadas falhas do objecto do *self* levam a uma estruturação incompleta ou mal-formada da psique” (Ornstein, 1991). “A patologia neste contexto não é uma patologia do narcisismo mas uma patologia das estruturas do *self*” (op. cit).

Esta estruturação deformada do *self* poderia corresponder a uma má integração de um de dois agentes psíquicos distintos: a imago parental idealizada ou o *self* grandioso. No caso da imago parental idealizada, a má integração corresponde a um “desapontamento traumático do adulto

admirado” (Kohut, 1968), que leva a que a imagem parental idealizada seja “retida na sua forma inalterada, não se transforme numa estrutura psíquica reguladora de tensões, mas se mantenha um objecto arcaico, transicional, necessário para a homeostasia narcísica” (op. cit). Por outro lado, o *self* grandioso seria mal estruturado se se desse uma quebra traumática do desenvolvimento narcísico graças “a atitudes encobertas de rejeição ou sobreproteção” (Kohut, 1966) parental, o que levaria o “ego adulto a vacilar entre uma sobre estimação irracional do *self* e sentimentos de inferioridade, reagindo com mortificação narcísica às frustrações da sua ambição” (op. cit). Assim, se “a criança não adquirir a estrutura interna necessária, a sua psique fixa-se num objecto do *self* arcaico, e a sua personalidade vai estar dependente ao longo da vida de certos objectos” (Kohut, 1971, p. 51). Entre os distúrbios observados clinicamente por Kohut distinguem-se

distúrbios em diversas áreas: sexualmente, podem apresentar fantasias perversas ou falta de interesse no sexo; socialmente, podem apresentar inibições no trabalho dificuldade em formar e manter relações (...) e pessoalmente pode demonstrar falta de humor, pouca empatia pelos sentimentos e necessidades dos outros, mentir patologicamente e preocupações hipocondríacas (Akhtar & Thomson, 1982).

Kohut salienta ainda “a grandiosidade manifesta em esquemas irrealistas, amor-próprio exagerado, exigências de atenção e a idealização imprópria de certos indivíduos” (op. Cit).

Kernberg foi, a par de Kohut, o autor contemporâneo que mais se debruçou sobre o narcisismo (1967, 1975) baseando-se na psicanálise clínica, e focando-se essencialmente na patologia narcísica. Para Kernberg, “estes indivíduos podem não apresentar à superfície nenhum comportamento seriamente perturbado” (Kernberg, 1975, p. 227), mas, entre a sintomatologia, salienta-se a “grandiosidade, auto-centração extrema, falta de interesse e empatia pelos outros apesar de estarem tão ansiosos para obter a sua admiração e aprovação, (...) e são especialmente deficientes em sentimentos genuínos de tristeza e luto” (Kernberg, 1975, p. 264). Para além destas características, é possível observar uma “manifesta incapacidade para amar (...) sentimentos de aborrecimento e de vazio crónicos, uma incerteza relativamente à sua identidade e a exploração dos outros” (cit. In Akhtar & Thomson, 1982, p. 13), numa lógica relacional “claramente exploradora e até parasítica” (Kernberg, 1975, p. 228), e o seu sucesso social e profissional estaria ao serviço do seu exibicionismo. É possível destacar, ainda, “presença crónica de inveja, e as defesas contra tal inveja, nomeadamente a desvalorização, controlo onnipotente, e retirada narcísica” (Kernberg, 1975, p. 264).

Para Kernberg, o indivíduo narcísico “enquanto criança ficou emocionalmente faminta por uma mãe cronicamente fria e pouco empática” (Akhtar & Thomson, 1982, p. 13). Sentindo-se indesejada e má, “a criança projecta a sua raiva nos seu pais, que seriam percebidos como ainda mais sádicos e privadores. A única defesa contra os pais seria refugiar-se num aspecto dele próprio que os seus pais, particularmente a mãe, valorizava” (op. Cit). Desta conjuntura resultaria o *self* grandioso, “que é formado por uma fusão dos aspectos admirados da criança, a versão fantasiada dele próprio que compensa a frustração e defende contra a raiva e a inveja, e a imagem fantasiada da mãe cuidadora” (Akhtar & Thomson, 1982, p. 14), enquanto que a imagem inaceitável da criança sedenta é dissociada e clivada do *self* funcional.

Ao aprofundarmos a nossa visão do narcisismo enquanto traço de carácter ou estado personalidade encontramos diversas análises e diferentes considerações a esse respeito, sendo que uma delas se revela de significativa importância: o narcisista tímido ou encoberto.

Como Salmon Akhtar refere no seu texto “*The Shy Narcissist*” (2000), Freud “deu poucas indicações a respeito da existência de um tipo tímido ou encoberto da personalidade narcísica”, e localiza a primeira “pista” para este tipo específico apenas em 1964 num texto de Ernest Jones, “*The God Complex*”. Jones, ao descrever os indivíduos narcísicos, observou que “a grandiosidade narcísica é muitas vezes marcada por “séries inusualmente longas” (1964) de tendências opostas. Entre estas estavam a humildade indevida, reserva social, e um pretense despeito pelo dinheiro e a vida real” (op. Cit). Estes indivíduos seriam caracterizados pela “por indiferença, inacessibilidade e mistério, muitas vezes, também por uma modéstia e auto-anulação. Sentem-se mais felizes em sua própria casa, na privacidade e isolamento, e gostam de se distanciar do mundo” (op. cit).

Tartakoff (1966), por seu turno, distinguiu entre dois tipos de organizações narcísicas, uma onde existiria uma fantasia activa de se ser “o poderoso”, e outra onde existiria uma fantasia passiva de se ser “o especial”. Kernberg (1975), por seu turno, embora tivesse estudado o tipo aberto, salientou que “alguns pacientes com personalidades narcísicas apresentam fortes sentimentos conscientes de insegurança e inferioridade” (p. 229). Kohut também descreveu um “tipo de personalidade narcísica menos colorida e socialmente hesitante, (...) que apresentam sintomas de deficiência narcísica incluindo baixa auto-estima, baixo entusiasmo pelo trabalho (...) preocupações hipocondríacas e uma grande propensão para sentirem vergonha” (Akhtar, 2000). Gabbard (1989) observou que o diagnóstico oficial da personalidade narcísica não identificava “o tímido, silenciosamente grandioso, indivíduo narcísico cuja sensibilidade extrema ao desprezo levam-no a evitar assiduamente o protagonismo” (p. 527), e Hunt (1995) descreveu o narcisista

hesitante “cuja grandiosidade está escondida e que sente enorme vergonha em revelá-la. As suas aspirações onnipotentes são ego distónicas e professa ser um igualitário (...) que demonstra uma sublime indiferença aos precalços realistas” (Akhtar, 2000). Tal como o narcisista manifesto “sente que ganhou o conflito edipiano, (...) mas isso só aumenta o medo do invejo, ainda perigoso pai” (Hunt, 1995, p. 1260). Ainda segundo o mesmo autor, este tipo de narcisista seria caracterizado pela “conformidade, medo do conflito, comportamento tranquilo e passividade. Em termos psíquicos ele teria um superego mais intacto e severo e uma grande consciência de que o seu *self* grandioso ainda não foi atingido” (p.1260).

Para Cooper (1998), embora o narcisista encoberto tenha as mesmas fantasias grandiosas que os outros tipos de narcisistas, estas são encaradas como “conscientemente como além de realizável. Os desejos grandiosos não são correspondidos pela convicção de eficácia pessoal” (p. 68). Estes indivíduos estariam em conflito e culpabilizados pelos seus desejos, e as suas defesas levá-los-ia a suprimir ou reprimir qualquer consciência da existência destas qualidades, imposto por uma consciência muito severa que exigiria ao indivíduo sentir-se culpabilizado por ter desejos desta natureza, “resultando num significativo auto-danificação masoquista, sentimentos de dor, e depressão” (p. 69).

Finalmente, Akhtar (2000) sintetiza as ideias acerca do narcisista tímido, salientando que este tipo de narcisista “mantém as suas crenças grandiosas e aspirações em segredo. Parece modesto e desinteressado no sucesso social (...) podendo mostrar desdém pelo dinheiro e bens materiais”. Ainda segundo o autor, o narcisista tímido

possui uma consciência mais severa que a do narcisista normal, mantendo níveis morais elevados e sendo menos vulnerável a falhas éticas (...) sentindo um remorso negro relativamente às suas transgressões edipianas bem como relativamente à sua incapacidade de empatizar com os outros, embora (...) seja sempre solícito (Akhtar, 2000).

PARTE II – BIOGRAFIA

Eric Arthur Blair, autor por detrás do pseudónimo George Orwell, nasceu a 25 de Junho de 1903 em Motihari, na Índia Britânica, único rapaz e segundo de 3 filhos de Richard Walmesley Blair e de Ida Mabel Limouzin (Blair após contrair matrimónio), tendo-se mudado para Southwold, Inglaterra, no ano seguinte com a sua mãe e a sua irmã mais velha, tendo visto o seu pai apenas por poucos meses em 1907, antes de este se juntar à família em Inglaterra, em 1911.

No mesmo ano Eric entra para o colégio *St. Cyprian's*, de onde sairia aos 13 anos, vivendo um período taumatizante apesar da boa prestação académica, o que lhe valeu a entrada no prestigiado colégio Eton, em 1917. Num ambiente muito menos severo, Eric passaria anos aparentemente felizes mas de aproveitamento académico inferior, pelo que quando se formou, em Dezembro de 1921, a hipótese de ingressar numa universidade depressa foi posta de parte, e não é certo que Eric quisesse fazê-lo. Assim, Eric acabaria por se alistar na Polícia Imperial Indiana, partindo para Burma em Outubro de 1922. Eric passaria 5 anos em Burma, divididos entre um período de formação e 5 diferentes postos. Quando parte para Inglaterra, em Junho de 1927, parte decidido a não voltar a Burma, traumatizado pelo vida policial e decidido a perseguir a sua carreira literária.

Os anos seguintes ficaram marcados tanto pelo esforço de se estabelecer enquanto escritor como pela vida inconstante e errática que levou. Pouco depois do seu regresso a Inglaterra muda-se para Londres durante 6 meses e depois para Paris durante 18 meses, experiências essas que ficaram marcadas especialmente pelas suas aventuras de *tramping*, embora começasse, a espaços, a colaborar com algumas publicações. Em Dezembro de 1929 volta para Southwold, de onde passaria a contribuir para o jornal *New Adelphi*. Durante os anos seguintes, para além desta contribuição, Eric teve uma série de trabalhos temporários, até em 1932 conseguir a posição de professor em *Hayes*, e de seguida no *Frays College*. É em 1933 que consegue publicar, sob o pseudónimo George Orweel, o seu primeiro manuscrito, *Down and Out in Paris and London*, e que marcaria o início de um período de grande actividade literária, com 7 livros publicados num espaço de 7 anos, que seria interrompida pela II Guerra Mundial.

Tendo abandonado a carreira docente em Janeiro de 1934, Eric mudar-se-ia para Londres em Outubro desse mesmo ano para trabalhar numa livraria, tendo já publicado o 2º e escrito o 3º livro da sua obra. No ano seguinte conhece a sua mulher, Eileen O'Shaughnessy, com quem se viria a casar a 9 de Junho do ano seguinte, naquela que viria a ser a sua nova morada, Wallington.

Até ao casamento, Eric escreveria ainda o seu 4º livro e empreenderia uma viagem pelo norte de Inglaterra que deu origem ao seu livro seguinte. Poucos meses após o seu casamento Eric parte para Espanha para participar na Guerra Civil Espanhola, tendo parcialmente a companhia da sua mulher. Após um problema de saúde grave – fora alvejado na garganta – Eric e a sua mulher abandonam Espanha em Junho de 1937, perseguidos politicamente pelos aliados.

Até ao início da II Guerra Mundial a vida de ambos ficou marcada pelos problemas de saúde de Eric, que os levou a viver em Marrocos durante 6 meses, por momentos de tensão matrimonial e pela morte do pai de Eric, em Junho de 1939. Apesar disto, Eric publicou ainda mais 3 livros, o mais famoso dos quais sobre a Guerra Civil Espanhola. Tanto Eric como Eileen mudaram-se para Londres durante o conflito, tendo Eric colaborado com várias publicações, trabalhado na *BBC* entre 1941 e 1943 e alistando-se na *Home Guard*. Em Março de 1943 a mãe de Eric morre, vítima de doença pulmonar, e, em 1944, já editor do jornal *Tribune*, Eric e Eileen adoptam Richard Horatio Blair, uma vez que Eric tinha o desejo de ser pai e estava convencido de que era infértil.

A sua vida mudaria drasticamente em 1945. Muito mais importante do que o final do conflito e de ter deixado o mundo editorial, Eric tornou-se num autor mundialmente famoso com a publicação de *Animal Farm*. Tragicamente, meses antes, a 29 de Março, Eileen morreria numa mesa de operações vítima de uma reacção alérgica à anestesia, deixando Eric a braços com o jovem Richard.

Após um período de elevada produtividade jornalística no ano seguinte à morte de Eileen, e de 3 propostas falhadas de casamento, Eric muda-se para Jura em Abril de 1947, e, em Maio, Marjorie, a sua irmã mais velha, morre vítima de hipertensão e de uma doença renal. Os últimos anos de vida de Orwell ficariam marcados pelo agravamento da sua débil saúde e pela realização da sua derradeira obra, 1984. Nos finais de 1947, Orwell terminaria o primeiro rascunho do seu livro, e em Novembro foi internado num hospital perto de Glasgow, onde seriam confirmadas as suspeitas que se mantinham há muitos anos: sofria de tuberculose. Já no sanatório *The Cotswold*, onde foi internado em Janeiro de 1949, Eric assume o noivado com Sonia Brownell, com quem se casaria a 13 de Outubro, trocando votos matrimoniais à beira da sua cama. Entretanto, o seu derradeiro livro foi publicado, tornando-se num fenómeno mundial de vendas.

Finalmente, a 15 de Janeiro de 1950, passavam poucos minutos da meia-noite, os pulmões de Orwell colapsaram, sucumbindo perante a tuberculose. Tinha 46 anos.

PARTE III – ESTUDO DAS TRÊS PROBLEMÁTICAS NA VIDA E NA OBRA DE ERIC BLAIR

A problemática Identificatória:

A primeira problemática que merece ser aprofundada após analisar o percurso de vida, as relações mais significativas, e os eventos mais marcantes da vida de Eric Arthur Blair, é a problemática identificatória, que reflete uma grande ambivalência e oscilações identificatórias relacionada com as suas figuras parentais.

Quem foi, então, Eric Blair? As suas crenças, paixões, trabalho, relações, motivações foram pautadas, ao longo da vida, por uma ambiguidade que marcaria o seu trajecto e a sua natureza. Shelden considerou que a contradição em Eric “está sempre presente na sua vida e trabalho” (1991, p.3). Como Shelden tão bem sintetizou, Orwell “prosperou na contradição” (1991, pag. 3), e D. J. Taylor, autor de uma das biografias sobre Eric Blair, sugere que, “inevitavelmente, as raízes desta complexidade baseiam-se algures na infância e na enorme bagagem familiar que carregou consigo na idade adulta” (2004, pag. 13). De facto, se existe uma forte oscilação identificatória por parte de Eric ao longo da sua vida, é inevitável tentar perceber quem foram as suas referências identificatórias fundamentais, neste caso, os seus pais, e perceber o que os aproximava e o que os distanciava. Bowker, outro dos biógrafos cuja obra foi consultada, diz porventura a frase mais lapidar a este respeito: “(eles) eram um casal pouco compatível – tanto face à idade como face ao carácter” (2003, p. 7), e, embora tenham pontos comuns a nível familiar ou social, são muitas as características de um e de outro que os tornam “pouco compatíveis”, que excede largamente os 18 anos de diferença entre ambos.

Richard Blair, pai de Eric, nasceu em 1857, em plena época vitoriana, o último de uma fratria de 10 irmãos e, como a maioria deles, dedicou a sua vida adulta à carreira militar e a servir o Império Britânico, no qual acreditava e da qual se orgulhava profundamente. As biografias são muito convergentes no que a Richard Blair dizem respeito. Taylor (2004), por exemplo, descreve-o como “conservador nos seus gostos” (p. 15) e convencional. Shelden (1991), numa nota mais elaborada, considera Richard Blair alguém que “difícilmente lidava bem com a mudança”, alguém “reservado, cauteloso, altamente conservador que gostava viver a sua vida nos limites das suas rotinas pouco exigentes” (p.13), no fundo, uma figura vitoriana, pouco afectuosa e

emocionalmente distante. Ida Blair, por seu turno, nasceu em 1975, no seio de uma família com ascendência francesa da parte do pai, tendo passado toda a sua vida em Burma, e quando conheceu o seu futuro marido era assistente numa escola em Naini Tal. A sua personalidade, segundo constam os relatos da época, era “intrépida, vivaz, com uma inteligência viva” (Bowker, 2003, p. 8), sendo “orgulhosa, independente e jovial,” (Shelden, 1991, p. 16), e com um lado excêntrico e exótico, pouco convencional e com uma grande inclinação para as artes. Terão sido, a julgar pelas descrições que chegaram à actualidade, duas pessoas com caracteres e personalidades muito diferentes, com maneiras muito distintas de viverem o mundo.

Naturalmente, Eric herdou características de ambas as partes. Da parte do pai herdou um forte sentido patriótico e do “ser-se inglês”, a sua paixão pelo solo e pela natureza, o seu fascínio pelos desportos de campo, bem como um sentido apurado de estratificação social. Também dos Blair ele “ficou embebido de um sentido apurado de serviço público, (...) do espírito do seu avô uma forte consciência religiosa e um comprometimento moral” (Bowker, 2003, p. 11). Da parte da mãe, por outro lado, adquiriu um “canto distintivamente excêntrico e obstinado no seu carácter, e uma curiosidade intelectual” (op. Cit.). A óbvia diferença entre o temperamento e as personalidades dos seus genitores, no entanto, não obrigam a que tal coisa necessariamente aconteça, pelo que um olhar atento para a infância de Eric Blair pode ajudar a explicar como é que estas diferenças entre os progenitores se tornaram fonte de conflito em Eric.

Como já foi mencionado anteriormente, Eric, juntamente com a sua mãe e a sua irmã mais velha, viajou para Inglaterra com apenas 1 ano de idade, deixando para trás o seu pai, que só voltaria a ver durante uns breves meses no ano de 1907, aos 4 anos, e novamente aos 8, quando o pai voltou definitivamente para Inglaterra, e por essa altura Eric já se encontrava a estudar em *St. Cyprian's*. Sobre o primeiro ano da vida em Burma não há registo de nada invulgar, e à imagem das crianças filhas de Oficiais tinha criadas e amas que se ocupavam das suas necessidades, crescendo reodeado de mulheres, uma vez que o seu pai passava grande parte do tempo a trabalhar.

Embora muita coisa diferencie Richard Blair de Ida Blair, a grande diferença entre os dois, sobretudo no que ao desenvolvimento de Eric disse respeito, foi o investimento emocional que cada um fez nele, a forma como o viam e como souberam estar emocionalmente presentes na sua infância. Ida Blair foi unanimemente considerada pelos biógrafos uma mãe muito presente, muito investida no seu papel de mãe e preocupada com o estado de saúde do filho, assumindo sempre um papel de “mãe vigilante e cuidadora” (Bowker, 2003, p. 16). Foi, também, uma mãe muito protetora e envolvida que mimava muito Eric - *Ermadale* (nome da primeira casa

que ocuparam em Inglaterra, e criado a partir das primeiras duas letras dos nomes Marjorie e Eric) e chamar aos seus filhos “pintinhos” são dois exemplos que confirmam esta ideia. Igualmente importante foi a função nuclear que Ida assumiu na formação da personalidade de Eric, e, na ausência de outra figura nuclear de referência, Eric investiu muito na sua relação com a mãe – e, ao que tudo indica, o investimento era recíproco. A sua veia pouco convencional, com uma paixão pelas artes foi sem dúvida incutida e reforçada no seu filho, no qual reconheceu desde cedo um talento invulgar para a escrita. Podemos, naturalmente, conjecturar até que ponto Ida não terá projectado no seu filho as suas expectativas e aspirações artísticas, que foi, segundo consta, o seu filho favorito.

O pai, por seu turno, foi uma figura muito ausente da sua vida, e as biografias estudadas não contêm muita informação sobre a relação de ambos durante a infância, que terá sido manifestamente distante. Além de terem estado juntos no primeiro ano de vida Eric, apenas estariam poucos meses juntos por volta dos 4 anos de Eric, e Richard volta finalmente para casa Eric já tinha partido para o colégio interno, vendo-o apenas nos períodos de férias escolares. Richard tinha uma personalidade muito austera, de pouca afectividade e uma atitude vitoriana de falta de expressividade e emotividade. Eric, anos mais tarde, escreveu que, durante os anos subsequentes, os contactos entre pai e filho resumiam-se aos “curtos e desconfortáveis” (Shelden, 1991, p. 12) períodos de férias escolares, onde para Eric o seu pai “parecia-lhe apenas um homem idoso mal-humorado que dizia sempre “não”” (op. cit).

Por entre as diversas teorias que se debruçaram sobre as identificações patológicas, aquela que melhor se adequa é-nos dada por Minna Emch, que no seu texto de 1944 “*On The Need to Know as Related to Identification and Acting Out*” elabora o conceito de identificações superficiais, ou em inglês, *identification-knowing*. Este tipo especial de identificações surge quando uma figura parental, ou ambas, pelo seu comportamento e/ou falta de disponibilidade emocional, se tornam incapazes de serem assimilados pelos filhos, o que é, para eles, gerador de muita angústia. Nestas circunstâncias, a alternativa passa por “uma tentativa de conhecer através da repetição atenuada da experiência-estímulo disruptivo, especialmente se estiver relacionada com o mediador dessa experiência” (Emch, 1944), neste caso, a figura parental. Perante os dados biográficos que chegaram aos nossos dias e os relatos do próprio Eric, descritos anteriormente, é admissível que a figura do pai tenha sido, para Eric, impossível de compreender ou de assimilar. Nestas circunstâncias, e seguindo o raciocínio de Emch, a estratégias de Eric passou por assimilar e reproduzir as características superficiais que ele próprio atribuiu ao pai, fazendo esta *identification-knowing* numa tentativa de diminuir e lidar com a angústia de não ter tido a capacidade, na

infância, de conhecer o pai. Os *acting-outs*, na sequência deste tipo de identificação, espelha “a falta de consonância com a realidade presente” (Emch, 1944), que aconteceriam sempre que Eric agia à imagem do seu pai.

Perante este cenário, temos aquilo que parece ser o contexto identificatório na qual se situou Eric Blair. Os pais de Eric tinham personalidades e formas de estar muito distintas, que influenciaram a forma como ambos se relacionaram com Eric e a forma como ambos investiram na sua relação, que foram, em grande medida, contraditórias. Por um lado, Eric fez aquilo que Emch chamou de identificação superficial (*identification-knowing*) com o pai, numa tentativa de lidar com a angústia de não conseguir “conhecer” o pai, com sucessivos *acting-outs* que acabaram, também, por marcar a sua vida. Por outro lado, Eric fez uma identificação muito forte à mãe, que foi a sua figura identificória ao crescer, e que lhe incutiu os princípios relacionados com o seu lado artístico e intelectual, o seu lado rebelde e pouco convencional. Podemos perguntar-nos se esta identificação com a mãe não terá sido involuntariamente, senão excessivamente, forte, pelo que as aproximações ao lado paterno eram acompanhadas por um sentimento de vazio ou de possibilidade de perda deste lado materno, que levariam a re-aproximações sucessivas do mesmo.

Desta forma, Eric foi um homem “cheio de contradições” (Bowker, 2003, pag. 427), cujos conflitos identificatórios se vão manifestar essencialmente de duas formas: por um lado, vemos uma verdadeira oscilação entre estes dois tipos de identificações, com manifestações comportamentais muito claras disso mesmo; por outro lado, as identificações superficiais que fez relativamente à sua figura paterna levaram-no a tentar “minimizar” ou a renegar o seu lado paterno durante a idade adulta, embora, periodicamente, tenha sido levado a assumir um papel em tudo semelhante à imagem interiorizada do pai, que “por falta de consonância com a realidade presente” (Emch, 1944) levou a sucessivos *acting-outs*, levando-o a reaproximar-se do seu lado identificado com a mãe, que ele talvez tenha sentido como ameaçado sempre que se aproximava do lado paterno.

Este padrão começa a manifestar-se com clareza quando Eric, aos 18 anos de idade, decide alistar-se na Polícia Imperial Indiana, numa escolha de carreira que contrariava o seu gosto pela escrita e o seu espírito crítico relativamente às instituições. Não há nenhuma razão conclusiva para a escolha feita por Eric, mas é plausível que a ideia fosse do “próprio Eric, (...) como uma espécie de ideia romântica” (Selden, 1991, p. 86), seguindo as pisadas do pai, servindo de algum modo o Império. Este desejo de servir representa a aproximação às representações que durante a infância incorporou da figura paterna, de alguém que está longe, a sacrificar-se e a servir um propósito maior. Esta aspiração de viver à altura da imagem criada do seu pai, no entanto, fê-

lo sentir-se “menos humano, menos livre, menos vivo” (Shelden, 1991, p. 116) e “temperamentalmente, dividido em dois” (op. cit). Aplicando a teoria de Emch à vida de Orwell, a falta de sustentação da identificação feita ao pai levou a que se tornasse insustentável mantê-la, e a miséria e os sentimentos persecutórios sentidos derivam de uma incapacidade em lidar com as exigências do papel que escolheu assumir, para além de irem diametralmente contra o seu lado materno. O *acting-out*, despedindo-se do seu emprego na primeira dispensa que teve, acabou por ser o desfecho inevitável para a sua situação.

Os anos seguintes, simbolizados pelas sucessivas experiências de *tramping*, mostram claramente a tentativa de renegar, ou anular, toda a sua experiência em Burma, cortando radicalmente com o seu lado paterno e abraçando o lado materno da forma mais radical possível, ancorando-se à ideia de liberdade e intelectualidade, que o seu lado materno tão bem simboliza. Renegando os seus privilégios, tenta apagar a sua história, desapropria-se da sua própria identidade e procura a liberdade entre aqueles que “não são ninguém”, na procura da sua alma artística, que estava decidido a procurar. Este terá sido, por culpa da experiência de Burma, o expoente máximo, ou mais evidente, da ambivalência presente em Eric Blair e as oscilações que pautaram a sua vida adulta. Estas, embora não tão radicais, estão presentes na sua vida ao longo da sua vida, e tiveram certamente influência no rumo que ela tomou.

Este período mais radical acabou porque, tal como Eric não conseguiu anteriormente encarnar a personagem do militar, também não conseguiu abandoná-la, ou seja, não deixou de a ter presente dentro de si. Assim, após as suas experiências em Paris e em Londres, Eric voltaria para casa dos pais. Apesar de estar de volta ao ambiente de classe média que tanto desprezava, Eric continuava em grande medida igual a si mesmo – “introvertido, desligado, literariamente vagabundo” (Taylor, 2004, p. 110). Este período acabaria por terminar quando Eric começou uma fugaz carreira como professor. Mais uma vez Eric assume uma posição de autoridade – e temos de nos recordar que os sentimentos de Eric face aos professores, muito em parte por causa de *St. Cyprian's*, não eram os melhores – e mais uma vez Eric não se sentiu realizado. Na verdade, Eric sentiu-se “agudamente miserável” (Taylor, 2004, p. 121), e à imagem da sua experiência em Burma, acaba por fazer um *acting-out*. Ao fim de um ano troca de colégio e menos de 6 meses depois de começar o seu segundo ano enquanto professor volta a a casa, incapaz mais uma vez de sentir confortável enquanto “autoridade”.

Dois anos passados, Eric casa-se, mas apenas poucos meses após a cerimónia e de se mudarem para a sua nova casa, Eric volta a fazer uma aproximação ao lado paterno, viajando para Espanha por forma a testemunhar a Guerra Civil, onde viria a lutar. O lado heróico, de

sacrifício e de luta com o qual Eric se identificou com o pai, leva-o a envolver-se intensamente nos conflitos, arriscando por mais do que uma vez a sua vida. Mas, uma vez mais, a identificação com o lado paterno revela-se insustentável para Eric a manter, e embora as circunstâncias tenham ajudado, Eric a certa altura do conflito sente-se “violentamente deprimido (...) pelo reconhecimento de que não havia mais nada que pudesse fazer em Espanha” (Shelden, 1991, p. 294), pelo que abandonaria Espanha pouco depois e com o conflito ainda longe do seu término. Note-se que, à imagem de Burma e das suas experiências enquanto professor, esta experiência de aproximação ao lado paterno trazem consigo sentimentos de vazio, de depressão e desconforto, tanto pela identificação superficial feita ao pai como pela possibilidade de perda do lado da mãe que esta aproximação representava.

A Segunda Guerra Mundial trouxe consigo, ainda, mais um episódio desta aproximação ao lado paterno, embora os acontecimentos trágicos tenham impedido que este se desse por muito tempo. Embora as suas condições de saúde fossem precárias e tivesse falhado por diversas vezes participar activamente na Guerra, Eric acabaria por tornar-se emissário de Guerra, sendo enviado para a Europa nos finais da Guerra, deixando para trás mulher e filho recém-adoptado. A morte prematura da mulher impediu perceber de que forma é que esta aventura teria impacto na sua vida. Além destes acontecimentos de vida, que tão bem atestam esta oscilação identificatória, é preciso não esquecer que o comportamento e a personalidade de Eric Blair foram contraditórios em si mesmos, e que nele conviveram, durante toda a vida, identificações feitas a aspectos da personalidade ligados a cada um dos pais, num equilíbrio que terá sido mais precário nos momentos acima descritos. De notar, ainda, que os episódios de Burma, da Guerra Civil Espanhola e da Segunda Guerra Mundial dão-se após eventos marcantes na sua vida e que de certo modo o aproximavam de ideais de vida mais proximamente relacionados com as identificações com a mãe. A possibilidade de uma carreira universitária, o casamento e a paternidade, ligados a um ideal de família muito cultivado pela mãe, antecederam, respectivamente, cada uma destas aproximações às identificações feitas ao pai.

A obra literária de Eric Blair, através do seu conhecido pseudónimo George Orwell, espelha bem o conflito identificatório existente no autor, principalmente a tentativa de “fugir” ao seu lado mais paterno, que nunca chegaria a ser eficaz: o fatalismo romântico de Orwell “prende-o” às suas origens e a uma vivência de classe média, e os seus romances espelham o conflito entre dois tipos de existência mutuamente exclusivas – a nível mental – e incapazes de gerar completude. Desde o seu primeiro romance, *Down and Out in Paris and London*, que se percebe a luta entre estes dois lados: Eric, através das suas experiências de *tramping* – de sem-abrigo – tenta

libertar-se das restrições e condicionamentos próprios da classe média, mostrando o seu lado mais materno, rebelde e libertinário; ao mesmo tempo, o destino cruel das personagens que vai encontrando ao longo do seu percurso, demonstra o horror de sucumbir a um destino de anonimato, doença, pobreza e desgraça – aqui, o seu paterno puxa-o “de volta” à realidade, a uma existência que ele repugna mas da qual não consegue libertar-se. *Burmese Days*, o seu romance seguinte, é um romance intimamente ligado com a experiência em Burma: do enredo, em tudo semelhante à sua percepção da experiência vivida por si, emerge um protagonista acochado pela culpa que Eric sentiu relativamente a Burma; o livro é uma tentativa de redenção de Eric, para quem se tornou insupportável a incorporação de ideais como o Imperialismo, ou o papel de militar – sem coincidência, características afectas ao pai; por outro lado, o desfecho do livro – o suicídio do protagonista – demonstra a incapacidade de Eric em expiar os fantasmas que trouxe da sua experiência, pelo que a própria aniquilação assume-se como a única resolução possível para o conflito. De notar que o suicídio é um tema único a este romance, explicável por ter sido a experiência onde Eric mais se aproximou da imagem que construiu do pai e que mais o afastava do outro lado de si, sendo talvez o momento mais intenso do conflito identificatório, e aquele que lhe causou mais angústia; em *The Clergyman's Daughter* e *Coming up To Air*, encontramos protagonistas presos a uma existência infeliz de classe média, e o percurso que cada um teve na procura de uma vida mais feliz revelou-se infrutífero; em ambos os livros percebe-se que viver a vida tranquila e previsível de classe média da sua família (lado paterno), equivalia a resignar-se a uma existência infeliz, embora o lado livre e artístico da sua mãe fosse igualmente incapaz, de dar às personagens um final satisfatório.

Fundamentalmente, vemos ao longo destes livros – e noutros, embora de forma menos evidente – personagens encurraladas entre duas existências que, isoladamente, não permitem alcançar a felicidade e a completude que Eric tanto procurava. Igualmente, de tão contraditórios que são estas duas existências, representando, cada, identificações afectas ao pai ou à mãe, era impossível para Eric integrá-las e incorporá-las numa só existência que fosse completa e harmoniosa. O facto de fugir ao seu lado paterno e ancorar-se no seu lado materno, presente na sua vida e obra, será provavelmente o resultado identificação superficial que Eric fez do pai, geradora de maior angústia, e da forma como a sua infância decorreu, sob alçada da sua mãe e com o pai ausente.

A Problemática Esquizóide:

Outra característica que parece marcar vincadamente a personalidade e a história de vida de Eric Blair, e que por isso mesmo reveste-se de grande importância para o seu estudo, é, ou são, os factores esquizóides da sua personalidade. Para tal, vamos usar preferencialmente os referenciais teóricos desenvolvidos por Ronald Fairbairn, no capítulo “Factores esquizóides na personalidade” (1940), não excluindo, contudo, o contributo de outros autores.

Tal como sucede em toda a teoria psicanalítica, devemos procurar na infância de Eric Blair, e nas relações com as figuras parentais, indicadores que possam ter contribuído para uma estruturação esquizóide da sua personalidade. Fairbairn (1940), a propósito da orientação em direcção a um objecto parcial, diz-nos que “o tipo de mãe com especial propensão para provocar esta regressão é a mãe que falha em convencer o filho, por meio de genuínas e espontâneas demonstrações de afecto, de que ela própria o ama como uma pessoa” (p. 27), podendo caber nesta categoria tanto mães possessivas como desinteressadas. Como está documentado, a mãe de Eric foi uma mãe como uma enorme presença na vida dos seus filhos, sendo uma “mãe vigilante e cuidadora (...) que o mimava e não admitia uma palavra contra ele” (Bowker, 2003, p. 16-17), que era, também, muito protectora, além de Eric ter sido, provavelmente, “a criança favorita da mãe” (Taylor, 2003, p. 19), o que pode ir ao encontro da mãe possessiva descrita por Fairbairn. Como o pai não teve uma presença forte que pudesse mitigar esta “falha” materna, a sua relação com a mãe foi especialmente modeladora.

Na infância podemos, também, observar os primeiros indícios de comportamento esquizóide que marcariam a vida adulta adulta de Eric. É unânime, entre os seus biógrafos, que Eric teve uma “infância solitária” (Shelden, 1991, p. 21), sendo descrita como uma criança tímida, pouco sociável, “indiferente e à margem do mundo juvenil” (Taylor, 2003, p. 22), e pouco expansiva e afectuosa, cujos passatempos passavam, em grande parte, por actividades solitárias envolvendo a leitura, a escrita ou a exploração da natureza, indo de encontro às características de introversão, retirada, perda da afectividade e solidão descritas por Guntrip (1969) e Akhtar (1987), por exemplo, e que se tornariam, na vida adulta, características que o definiriam junto dos seus pares.

Outros comportamentos que marcaram a sua infância e que definiriam o seu comportamento durante a vida adulta, e que está sem dúvida relacionado com o funcionamento esquizóide da sua personalidade, é a tendência para a intelectualização relacionada com a

“preocupação com o mundo interior” descrita por Fairbairn (1940). Esta tendência expressou-se muito cedo em Eric, tendo desde tenra idade uma propensão muito grande para a escrita e para a leitura de obras muito complexas para o seu nível de maturidade. Compôs o seu primeiro poema aos 4 anos – tendo sido escrito, provavelmente, pela mãe – e desde muito cedo começa a escrever as suas próprias histórias, tendo mais tarde entrado em diversas competições de escrita. Esta tendência para a escrita tinha, segundo o próprio Eric, um outro motivo de grande importância: segundo Bowker (2003), “o mundo interior da sua imaginação era o seu santuário, o mundo onde ele se podia vingar daqueles que o ofendiam” (p. 20), um mundo onde tudo se tornava possível e onde as frustrações que marcaram a sua infância desapareciam, e os seus desejos se concretizavam. Este modo de pensar reflete outros dos aspectos salientados por Fairbairn para descrever as personalidades esquizóides, no caso a sobreavaliação dos conteúdos mentais. Como veremos mais à frente, esta sobreavaliação dos conteúdos mentais – muito presente ao nível ético, político e social – é um dos aspectos marcantes da sua personalidade.

Esta propensão para a intelectualidade, expressa de maneira mais evidente pela propensão para a escrita e pelo amor pela literatura, não pode deixar de estar mais uma vez ligada à relação que Eric estabeleceu com a mãe durante a infância. Se olharmos para a relação estabelecida entre ambos, verificamos que uma das actividades que mais fortemente os ligou era o amor de Eric pela escrita, e o entusiasmo que a mãe desde cedo demonstrou ao “detectar o talento literário” (Taylor, 2004, p. 23) do filho foi sem dúvida um dos maiores encorajamentos que o pequeno Eric, que se sentia constantemente desvalorizado e solitário, poderia receber. De facto, “a mãe foi a primeira a reconhecer o seu talento para as palavras, e ela encorajava-o” (Shelden, 1991, p. 21). Estes pequenos exemplos marcariam o padrão de comportamento entre mãe e filho nos anos seguintes, e a escrita passaria a representar não só um veículo de comunicação e de afecto entre mãe e filho como uma fonte de auto-valorização importantíssima para Eric, e que assumira um papel importante na sua produção literária, que se relacionou, uma vez mais, com o seu carácter esquizóide.

O padrão comportamental que observamos na infância de Eric marca o que viria a tornar-se o modelo de funcionamento esquizóide que é facilmente observável na idade adulta do escritor. Quanto a esta dimensão vincadamente intelectual da vida de Eric Blair, ela pode relacionar-se com duas das dimensões elaboradas por Fairbairn: a predominância do receber sobre o dar na atitude libidinal e o factor incorporativo na atitude libidinal. A primeira dimensão reflete “uma dificuldade considerável em dar no sentido emocional” (p. 28), e que equivale, na prática, a uma grande dificuldade em exprimir emoções e em manter contactos sociais presente

nos indivíduos esquizóides, relacionada com o medo da perda do conteúdo emocional. Quanto ao factor incorporativo na atitude libidinal, “há uma grande tendência para que o mundo exterior vá buscar o seu significado demasiado exclusivamente ao mundo interior” (p. 33), resultando numa sobrevalorização dos conteúdos mentais e num “esforço para organizar os seus problemas emocionais intelectualmente no mundo interior” (p. 35). Percebe-se, desta forma, que o padrão comportamental de Eric Blair tenha passado por esta dupla dimensão: veremos, nos exemplos seguintes, que Eric demonstra uma grande dificuldade em relacionar-se com as pessoas numa dimensão mais afectiva ou emocional; pelo contrário, as suas relações pautaram-se por uma grande intelectualidade, e a forma como vê e pensa o mundo reflete uma grande intelectualidade – o seu mundo interior dá sentido ao mundo exterior.

Um dos exemplos mais claros desta tendência para a intelectualização pôde, ao longo da sua vida, ser observada nas suas relações com as mulheres. Talvez por ter sido esse o modelo assmilado durante a infância na sua relação com a mãe, Eric vai estabelecer pontes com quase todas as mulheres marcantes da sua vida através do uso da intelectualidade. À sua grande primeira paixão da sua infância, Jaccintha Buddicom, Eric declarou-se românticamente através de um poema – “o Pagão” – e muitas das suas actividades enquanto amigos contemplavam a leitura de poemas ou livros. Anos mais tarde, Eric escreve um soneto a mostrar o que sentia por ela – aqui, tal como em muitas ocasiões futuras, Eric usa um “veículo” intelectual para dar voz àquilo que sente e que de outra forma, com medo de se sentir empobrecido no sentido emocional, não teria conseguido fazer. Com Brenda Salkeld, o seu interesse amoroso do início dos anos 30, o processo foi semelhante. A sua amizade cimentou-se através da paixão comum pela literatura (à semelhança de Jaccintha) e foi através de cartas “afectuosas e confidentes” (Shelden, 1991, p. 158) que Eric expressava o que verdadeiramente sentia. Shelden disse, a propósito desta correspondência, que o “ênfase era no amor conjuntos pelas ideias, não no romance” (p. 158), o que, se tivermos em considerações os sentimentos dele por Brenda, ajuda a solidificar a ideia do intelecto enquanto veículo comunicativo privilegiado do lado emocional que tinha tanta dificuldade em expressar verbalmente. Com Eleanor Jacques, o seu interesse amoroso seguinte e com quem manteria um romance, Eric “insinuava alegremente nas suas cartas que os sentimentos por ela tinham sido despertados” (Shelden, 1991, p. 175) – uma vez mais repetindo o padrão.

A libidinização dos processos pensamento em Eric Blair, relacionada com o factor incorporativo da atitude oral, é outros dos aspectos que facilmente podem ser observados no seu percurso de vida. De facto, uma das características mais visíveis e reconhecidas pelos seus pares era precisamente a forma como defendia os seus princípios, e como tentava viver de acordo com

eles, o que é reflexo, precisamente, desta dimensão esquizóide da sua personalidade, e que reflecte a libidinização de ideais que foram sendo adquiridos durante a sua juventude, e que abrangem praticamente todos os aspectos da sua vida. A maneira frugal como viveu depois da sua experiência em Burma é um exemplo claro de como o mundo interior modificou radicalmente a realidade exterior: a culpa que trouxe consigo e as ideias que foi adquirindo acerca da classe média e dos bens materiais levou-o, aos poucos, a renunciar a uma realidade na qual vivera toda a sua vida, tendo chegado a viver numa casa sem electricidade nem água canalizada, esforçando-se para levar uma vida de acordo com os princípios que defendia. As experiências de *tramping* durante as décadas de 20 e 30 poderão inserir-se neste contexto de “imposição” da realidade interna sobre a realidade externa, do triunfo de ideias de expiação, de falhanço e de pobreza sobre uma realidade de conforto e de estabilidade onde vivia. As suas fortes convicções sociais e políticas levaram-no, por exemplo, a participar na Guerra Civil Espanhola, a correr perigo de vida nas minas de carvão do norte e a envolver-se na defesa de Londres durante a 2ª Guerra Mundial, e a sua obra literária foi decididamente influenciada pelas suas convicções políticas, nomeadamente em *Animal Farm* e *1984*.

A obra de Eric Blair pode ser encarada como a melhor demonstração da predominância do receber sobre o dar na atitude libidinal do seu carácter esquizóide, uma vez que a sua escrita representa aquilo que Fairbairn descreveu como “técnica exibicionista” inserida nessa lógica. Através dos seus livros, Eric expõe o seu universo emocional de forma singular, abordando praticamente todas as grandes questões da sua existência. Ao observarmos os seus livros percebemos o seu carácter intensamente projectivo e auto-biográfico, estando expostas, ao longo da sua obra, muitas das experiências que viveu, condensações de muitas pessoas que conheceu, do desejo que sentiu por diversas mulheres ao longo dos anos e muitas das angústias com que se debateu, desde os sentimentos de culpa relacionados com Burma até à nostalgia da infância ou a solidão que sentiu ao longo da sua vida. Alguns dos seus livros lidavam com a sexualidade de uma forma tão franca que os familiares não o reconheceram neles. A possibilidade de um homem de características tão vincadamente esquizóides se expôr de forma tão crua, como Eric o fez com os seus livros, nasce do que Fairbairn chamou de técnica exibicionista, que “representa uma técnica de dar sem dar, por meio de uma substituição de ‘mostrar’ por ‘dar’” (1940, p. 31). Esta estratégia é importante porque, “pelo meio da actividade artística, consegue tanto substituir o mostrar pelo dar, como, ao mesmo tempo, produzir algo que pode continuar a considerar como parte de si mesmo, mesmo depois de isso ter passado do mundo interior para o exterior” (1940, p. 35). Assim, ao “exibir-se” através da sua produção artística, Eric conseguiu mostrar-se e expôr uma dimensão emocional muito inibida, ao mesmo tempo que se protegia do risco de

empobrecimento emocional, mostrando, através dos seus livros e com recurso a mecanismos intelectualizados, os seus conteúdos emocionais sem nunca verdadeiramente os “dar”. A constante desvalorização das suas obras uma vez terminadas, considerando “cada livro um falhanço” (Shelden, 1991, p. 1), e a dificuldade em reconhecer a importância e o reconhecimento das suas obras são exemplos encontrados na vida de Eric Blair que se enquadram nesta manobra exibicionista do funcionamento esquizóide descrito por Fairbairn. Outro exemplo simbólico do seu carácter esquizóide presente na sua obra é o famoso “*Big Brother*” da obra 1984, que se viria a tornar um ícone popular e que simboliza o carácter esquizó-paranoide desenvolvida por Klein e presente em Eric.

Outro dos aspectos que marcou o carácter esquizóide da personalidade de Eric foi a sua orientação para os objecto parciais, tratando “outras pessoas como menos do que pessoa com um valor inerente próprio” (Fairbairn, 1940, p. 26), e que marcaria a sua relação com a maioria das pessoas que lhe eram mais próximas. Esta forma de se relacionar com os seus objectos traduziu-se numa incapacidade de simultaneamente apreender e relacionar-se com as pessoas mais importantes da sua vida de uma forma total, isto é, de os mentalizar enquanto objectos internos de acordo com as suas diversas dimensões, e de se relacionar com esses objectos tendo em consideração essa multidimensionalidade. Ao invés, as pessoas que marcariam de forma determinante a vida de Eric assumiram um papel muito específico na sua vida e que se enquadravam na forma como Eric perspectivava esses papéis, tanto ao nível do que era deles esperado como na forma como Eric se relacionava com eles.

A forma como Eric se relacionava com a família durante grande parte da sua vida adulta pode ser considerada um bom exemplo desta tendência. A sua determinação em contrariar e renegar as suas origens e todas as características de alguém oriundo da classe média levou-o a pensar a família como o melhor exemplo de uma vida e de um conjunto de princípios aos quais não se queria acomodar, não sendo capaz de se relacionar com a família para além destas condicionantes, pelo que a sua relação com ela foi sempre muito distante, e os contactos entre ambas as partes cingiam-se às obrigações enquanto pais e filhos – os pais davam-lhe um tecto quando ele precisava, e Eric esteve presente em situações de graves doenças ou da morte de algum familiar. As amizades que Eric travou durante a vida adulta também assumiram esta dimensão parcial, uma vez que, por um lado, dificilmente fugiam ao perfil imaginado por Eric, e, por outro, estas amizades tendiam a ir ao encontro das necessidades de Eric, faltando-lhes uma reciprocidade relacional madura que fosse para além das condicionantes esquizóides. A amizade com Mabel Fierz, por exemplo, foi especialmente marcante quando Eric ainda não tinha

conseguido estabelecer-se enquanto autor e Mabel o ajudou-o a arranjar um agente, sendo uma figura determinante para o início da carreira literária de Eric. David Astor, melhor amigo de Eric nos últimos anos da sua vida, foi alguém que deu a liberdade criativa que Eric sempre reclamou no jornal *The Observer*, e a relação de ambos cimentou-se à volta de questões ideológicas e políticas. Estes são apenas dois exemplos entre muitos, mas demonstra que Eric não se relacionava facilmente com aqueles que o redeavam, e quando o fazia tendia a relacionar-se com essas pessoas através de uma dimensão parcial e que iam de encontro a questões ideológicas, políticas ou literárias, que são precisamente os conteúdos intelectualizados que o seu mundo interior valorizava.

Mas, de entre todas as suas relações, foi a relação que estabeleceu com a sua mulher que descreve melhor esta tendência. A relação de ambos também ficou marcada pela tendência de Eric em apreender o objecto apenas de forma parcial, sendo que neste caso Eileen ocupou o papel da mulher que Eric queria ter do seu lado, e que levou ao estabelecimento de uma relação unidireccionada e imatura, dependente das vontades e das necessidades de Eric. O exemplo mais dramático terá sido, provavelmente, a forma como acabaria por adoptar uma criança. Após a morte da mãe, Eric sentiu a necessidade de ser pai, mas estando plenamente convencido de que era infértil e sem qualquer tentativa para Eileen engravidar, Eric decidiu que tinham de adoptar uma criança, embora Eileen fosse inicialmente muito contra essa ideia, tendo ficado, meses depois, a tomar conta dela sozinha quando Eric se tornou enviado especial em França e na Alemanha no final da 2ª Guerra Mundial. Podemos igualmente especular se a crença na sua infertilidade não se devia a um medo esquizóide de se relacionar intimamente com Eileen através de um filho biológico, de produzirem em conjunto uma nova vida, o que também podia ser entendido como uma outra forma de esvaziamento emocional.

Eileen era, para Eric, alguém com quem podia partilhar o seu difícil estilo de vida, alguém que o encorajava e o ajudava na sua escrita – mais notoriamente em *Animal Farm* – e, principalmente, alguém estava disposta a sacrificar-se para que Eric perseguisse os seus sonhos e abraçasse os seus projectos – tirando os trabalhos que Eileen teve durante a 2ª Guerra Mundial, são praticamente inexistentes os projectos pessoais em que investiu. O seu casamento tardio com Sonia Brownell é outro excelente exemplo da sua tendência para o objecto parcial: Eric queria alguém que cuidasse dele e estivesse do seu lado aquando da sua previsível morte, e em troca acenou a Sonia – e às duas mulheres anteriores a quem pediu em casamento – com a sua fortuna pessoal e os direitos póstumos sobre as suas obras. O casamento de ambos pode a muitos olhos assemelhar-se a um negócio, mas Eric tinha também o que pretendia.

Como foi possível perceber pelo exemplo dado no parágrafo anterior, Eric tinha um padrão muito oscilatório face a Eileen, oscilando, desde o início do casamento, entre uma necessidade de aproximação ao objecto de amor – Eric não aguentou a distância entre ambos nos primeiros meses da 2ª Guerra Mundial e foi encontrar-se com Eileen em Londres – e uma afastamento do mesmo – simbolicamente representado pelos projectos que o obrigavam a viajar. Este movimento oscilatório vai ao encontro da noção de Guntrip de “esquizóide sedento de amor”, que reflete um “profundo pavor de entrar numa relação realmente pessoal, (...) apesar da sua necessidade de um objecto de amor ser tão grande, ele apenas pode suportar uma relação a um profundo nível emocional na base da dependência total infantil” (Guntrip, 1969, p. 48), e vai no sentido das noções desenvolvidas por W. Reich em 1935. Este pavor levou a que Eric esvaziasse o seu objecto de amor, erguendo “defesas, não só contra o seu amor pelos outros, mas também contra o amor deles, (...) porque sente que não deve amar nem ser amado” (Fairbairn, 1940, p. 42), e que explica a forma parcial como via Eileen. Esta noção de “esquizóide sedento de amor” descrita por Guntrip pode ainda observar-se nos inúmeros pedidos de casamento que fez antes de casar pela segunda e após enviuvar, que refletem tanto o seu sentimento de solidão como a necessário de ter alguém ao seu lado, ao mesmo tempo que Eric cavava uma distância para aqueles que lhe eram próximos e cultivava uma vida ascética e solitária.

A Problemática Narcísica

Finalmente, a terceira e última problemática que requer a devida análise e aprofundamento é o carácter narcísico da sua personalidade, que se manifestou de forma particular em Eric mas que não deixou de ter o impacto devido no seu percurso de vida, bem como nas diversas dimensões relacionais do autor.

A generalidade dos autores que se debruçaram sobre a problemática do narcisismo convergem para a noção de que este modo de funcionamento é o resultado de relações precoces insuficientemente boas, privando o bebé da segurança e do afecto necessários à formação de um *self* coeso e integrado e de um leque de defesas maduras e funcionais. Como nos dizem Joffe e Sandler (1987), os modos de funcionamento narcísico “refletem distúrbios significativos na atitude em relação ao *self* e a regulação do bem-estar e da auto-estima” (p. 180). Annie Reich (1960) fala “experiências traumáticas, pré genitais bem como genitais precoces, que estilhaçaram sentimentos primitivos de prazer e de inquestionável segurança” (p. 51), Kohut atribui a

formação narcísica da personalidade a “severas e prolongadas falhas do objecto do *self* (que) levam a uma estruturação incompleta ou mal-formada da psique” (Ornstein, 1991), e Kernberg fala do indivíduo narcísico como alguém que “enquanto criança ficou emocionalmente faminta por uma mãe cronicamente fria e pouco empática” (Akhtar & Thomson, 1982, p. 13), só para citar alguns exemplos.

Embora os dados biográficos sobre a infância precoce de Eric Blair sejam escassos, é possível encontrar indícios que apontem para as falhas precoces referidas nas literaturas. Por um lado, temos uma figura paternal unanimemente descrita como fria e distante, e no pouco tempo que passaram juntos na infância de Eric – o seu primeiro ano de vida – não há registos de grande interacção entre o pai e o bebé, que esteve entregue tanto aos cuidados maternos como ao de diversas criadas. Tanto em Motihari como em Henley, os cuidados de Eric eram providenciados por criadas, e a mãe de Eric era um membro muito activo da comunidade local – tornando admissível especular sobre a qualidade emocional dos seus cuidados. Ainda assim, Ida é considerada pelos biógrafos de Eric como uma “mãe vigilante e cuidadora (...) que o mimava” (Bowker, 2003, p. 16-17) e assumia um papel muito activo na sua vida. É possível especular, também, se Ida e o seu “equilíbrio narcísico dependiam das crianças se comportarem, ou agirem, de uma determinada forma” (Miller, 1981, p. 8), o que explicaria um papel tão empenhado e protector. Os primeiros anos em Inglaterra de Eric ficaram ainda “pontuados por uma série de pequenas doenças, invariavelmente relacionadas com o seu peito” (Taylor, 2004, p. 18). Desta forma, temos no jovem Eric Blair uma criança com uma saúde precária, maioritariamente entregue aos cuidados de amas, com um pai física e emocionalmente ausente e com uma mãe que poderá ter investido muito no seu papel de mãe como forma de satisfação ou de equilíbrio narcísico, o que, embora se trate de um exercício especulativo e seja impossível perceber, ao certo, o alcance de tais factos, poderão ter levados, conjugadamente, às “severas e prolongadas falhas do objecto do *self*” (Ornstein, 1991) descritas por Kohut.

Estas falhas, por serem precoces, prolongadas e consistentes, levaram a que Eric estabelecesse uma relação patológica com os objectos do *self*, bem como uma regulação deficiente da sua auto-estima e do seu bem-estar, repercutindo-se tanto ao nível do seu funcionamento psíquico, como ao nível da sua relação com o trabalho, com as pessoas que fizeram parte da sua vida e consigo próprio. Entre as demonstrações clínicas da patologia narcísica, salienta-se “uma grande ambição, objectivos irrealisticamente altos, intolerância pelos falhanços ou imperfeições neles próprios” (Akhtar & Thomson, 1982), “grandiosidade, auto-centração extrema, falta de interesse e empatia” (Kernberg, 1975, p. 264), a possibilidade de “fantasias perversas ou falta de

interesse no sexo (...) inibições no trabalho e dificuldade em formar e manter relações” (Akhtar & Thomson, 1982).

A actividade literária não surgiu na vida Eric de uma forma casual, podendo ser considerado o fruto de uma relação pouco saudável com a mãe e uma demonstração do seu carácter narcísico. Kernberg (1975), a propósito da relação patológica estabelecida entre pais e criança, refere que “a única defesa contra os pais seria refugiar-se num aspecto dele próprio que os seus pais, particularmente a mãe, valorizava” (Akhtar & Thomson, 1982, p. 13). A escrita, desde cedo apoiada e incentivada pela mãe, que escreveu o primeiro poema que Eric compôs e que celebrava cada pequeno passo literário que Eric dava, insere-se nesta lógica, e é em torno da escrita que se vai formar o *self* grandioso de Eric. Este *self* grandioso “é formado por uma fusão dos aspectos admirados da criança, a versão fantasiada dele próprio que compensa a frustração e defende contra a raiva e a inveja, e a imagem fantasiada da mãe cuidadora” (Akhtar & Thomson, p. 14), pelo que a sua identidade ficou, desde cedo, ligada a fantasias grandiosas de sucesso enquanto escritor, que Eric perseguiu durante toda a sua vida, de forma mais ou menos evidente.

O percurso profissional de Eric, atípico e irregular mesmo para os escritores da época, é outro dos indicadores do seu carácter narcísico. Como a literatura comprova, muitos destes indivíduos, devido a “bitolas internas exageradas e irrealistas” (Reich, 1960), são incapazes de se sentirem profissionalmente preenchidos, e sentem o trabalho como uma fonte de infelicidade. Ao mesmo tempo, devido à extrema dificuldade de aceitarem o fracasso, acabam por abandonar os diversos projectos onde se envolvem, muitas vezes desculpabilizando-se com as imperfeições do próprio trabalho. Com Eric passou-se o mesmo: foi um funcionário da Guarda Imperial de sucesso, e no entanto resignou ao seu cargo por se considerar miserável e vítima, também ele, do regime opressor da qual fazia parte; investiu na carreira de professor que não durou mais do que um ano e meio em 2 colégios diferentes, onde se considerava miserável, demitindo-se após contrair uma doença; finalmente, trabalhou durante a 2ª Guerra Mundial na *BBC* e na edição do jornal *Tribune*, e em ambos os sítios demitiu-se por considerar que não estava a desempenhar um papel de acordo com as suas características pessoais e profissionais, respectivamente. É ainda mais interessante olharmos para estes exemplos se verificarmos que Eric foi, apesar de tudo, um profissional de sucesso e estimado em todos esses lugares, o que não impediu que as ditas bitolas internas e irrealistas o fizessem sentir-se incompleto e frustrado.

Também no plano sócio-pessoal é possível observar características pertencentes a um funcionamento narcísico. Tanto Kernberg como Kohut referem a existência de fantasias perversas e Kernberg fala mesmo da “tendência para promiscuidade sexual” (Akhtar &

Thomson, 1982, p. 13), o que pode ser facilmente observável durante a idade adulta de Eric. Para além dos “sentimentos sexuais poderosos e insatisfeitos e de uma raia sádica” (Bowker, 2003, p. xiv), o casamento de Eric foi marcado por diversos momentos de infidelidade, e a sua passagem por Burma e Londres por vários encontros com prostitutas locais. Socialmente, na idade adulta, teve dificuldades e uma falta de interesse em estabelecer relações com a maioria das pessoas com quem se cruzou, passando invariavelmente a ideia de ser desligado, solitário e misterioso, e a sua falta de empatia, ligada à incapacidade a experimentar “sentimentos genuínos de tristeza e luto” (Kernberg, 1975, p. 264), é brilhantemente ilustrada pela sua reacção à morte do irmão de Eileen - “enquanto Eileen fazia o luto, Orwell fazia o que fazia melhor – enterrava-se em grandes quantidades de trabalho” (Shelden, 1991, p. 363). Finalmente, é imperativo mencionar a natureza exploradora das suas relações, uma vez que “ele deliberadamente mantinha afastados alguns dos seus amigos para os presentear com faces diferentes” (Bowker, 2003, p. xiii).

É possível relacionar, igualmente, o gosto que Orwell desenvolveu desde cedo pela natureza com a patologia narcísica. Miller (1981), no seu livro *Drama of The Gifted Child*, refere que muitos dos pacientes narcísicos com altas qualidades intelectuais – como é o caso de Eric – têm uma enorme capacidade de construir memórias “livres de conflito” (p. 10) muitas vezes associadas à natureza, enquanto lhes falta a capacidade de “experenciar conscientemente certos sentimentos” (p.9), uma vez que “uma criança apenas pode experenciar sentimentos quando há alguém que o aceita, percebe e apoia totalmente” (p. 10). É curioso verificar que, além da presença do gosto pelo naturalismo ao longo de toda a sua vida, muitas das memórias da sua infância dourada, que ele tanto idealizou nos anos finais da sua vida, estão precisamente ligadas à natureza que o rodeou enquanto criança.

Finalmente, é possível ainda detectar em Eric a existência da inveja descrita por Rosenfeld (1964) e Kernberg (1976), nomeadamente face a figuras literárias que ameaçavam o seu *self* grandioso – “gostava de expôr falhas no trabalho de grandes escritores” (Shelden, 1991, p. 3) – e a libidinização do pensamento referida por Waelder (1925), presente tanto na sua vida profissional como na sua vida social, bem como a noção do mérito profissional ao serviço do seu exibicionismo narcísico, uma vez que usou o seu sucesso profissional e financeiro para convencer 3 mulheres a casarem-se consigo e a preencherem o vazio deixado pela morte de Eileen.

Ainda que ao nível do funcionamento psíquico seja possível inferir que Eric Blair tinha um modo de funcionamento narcísico, não é possível percebê-lo completamente ao nível manifesto, isto é, ao nível do funcionamento social, pessoal e profissional, uma vez que o comportamento de Eric Blair a esses níveis divergiu muito das descrições clínicas fornecidas por

autores como Kohut e Kernberg. De facto, se quisermos enquadrar o padrão comportamental de Eric no modo de funcionamento narcísico, teremos forçosamente de o fazer segundo o modo de funcionamento que muitos autores descrevem como narcisista tímido ou encoberto.

Tal como outros tipos de indivíduos narcísicos, este tipo de indivíduos mantém as fantasias grandiosas características, a “auto-centração extrema, falta de interesse e empatia pelos outros apesar de estarem tão ansiosos para obter a sua admiração e aprovação” (Kernberg, 1975, p. 264), e as suas relações são “claramente exploradora e até parasítica (Kernberg, 1975, p. 228). Mas, ao contrário do narcisista aberto, o narcisista tímido “mantém as suas crenças grandiosas e aspirações em segredo” (Akhtar, 2000), ligadas a uma consciência muito severa que exigiria ao indivíduo sentir-se culpabilizado por ter desejos desta natureza, estando o seu comportamento marcado, tal como iremos observar em Eric, por “indiferença, inacessibilidade e mistério, muitas vezes, também por uma modéstia e auto-anulação”. Tal como Eric, “sentem-se mais felizes em sua própria casa, na privacidade e isolamento, e gostam de se distanciar do mundo” (Jones, 1964).

A infância de Eric, descrita tanto pelo próprio como pelos autores das biografias estudadas, é um indicador forte deste carácter encoberto. De facto, Eric Blair foi, segundo D. J. Taylor (2004), “um rapaz solitário, tímido, indiferente e desligado da vida juvenil” (p. 22), portanto uma criança inibida, aparentemente frágil ou, nas palavras de um rapaz que o conheceu na infância, “demasiado sensível e fraco, (...) cheio de ‘ninguém gosta de mim’ e ‘correntes de lágrimas” (Shelden, 1991, p. 20), o que vai de encontro ao carácter encoberto do seu narcisismo: a tendência para a depressividade, a solidão e o afastamento da vida social. A expressão ‘ninguém gosta de mim’ pode inclusivamente ir de encontro à noção de Tartakoff (1966) da fantasia passiva de ser “o especial”, ainda que o seja no seu sofrimento e na ideia tantas vezes partilhada por Eric de se sentir profundamente incompreendido.

Outro pormenor importante e revelador do modo de funcionamento encoberto de Eric é a idealização da sua infância, que contrasta com a infância sofrida e solitária que teve e que se vai tornando cada vez mais presente na sua obra, mas também na sua vida e no seu imaginário, à medida que vai envelhecendo. Segundo Hunt (1995), “quando o sentido de realidade deixa de tolerar as esperanças (grandiosas), ele vive no passado, que desvalorizou enquanto foi presente, mas que é agora idealizado” (p. 1268). De facto, Shelden (1991) diz-nos “quando mais a sua vida adulta se complicava, mais ele ansiava pelos simples prazeres do mundo dourado e perdido da sua infância” (p. 19). Muitos mais exemplos encontrados nas biografias dedicadas a Eric poderiam ser dados, todos eles indicativos da afeição e idealização que Eric fez da sua infância, nomeadamente na última década da sua vida. Também na sua obra, nomeadamente nos livros

mais tardios do seu trajecto enquanto escritor, podemos encontrar essa mesma nostalgia de infância, nomeadamente em *Coming Up for Air* (1939) e *1984* (1949).

A escolha de um pseudónimo, George Orwell, e de uma personagem literária para encabeçar todos os seus projectos (de 1932 em diante) é um facto muitíssimo relevador deste carácter narcísico encoberto. Segundo Shelden (1991),

esta ideia era apelativa porque era essencialmente uma maneira rápida e conveniente de resolver a sua ambivalência relativamente ao sucesso literário. (...) Se o livro fosse um falhanço, não seria um falhanço de Eric Blair. Se fosse um sucesso, não seria um sucesso de Eric Blair (p. 169).

Esta ambivalência relativamente à sua carreira literária que Shelden descreve é caracterizadora deste tipo de narcisismo, uma vez que estes indivíduos, por um lado, são “caracterizados por uma incapacidade de manter ambições” (Cooper, 1998), ligados aos sentimentos de culpa que a maioria dos autores realça, mas, por outro lado, “sentem uma obrigação de realizá-las. São torturados por uma sensação de fracasso e não conseguem viver com ela” (Hunt, 1995, p. 1263).

Ora, tal como na escolha do pseudónimo, a carreira literária de Eric Blair ficaria marcada por esta ambivalência, que está sem dúvida ligada ao seu carácter narcísico encoberto. Como já foi referido, os indivíduos narcisistas têm um *self* grandioso resultante de relações precoces deficitárias, e Eric não é excepção, construindo o *self* grandioso à volta da ideia de ser um escritor famoso e admirado. Só que, devido ao carácter encoberto do seu narcisismo, sente-se culpabilizado pelos seus desejos, e as suas defesas levaram-no a suprimir ou reprimir qualquer consciência da existência destas qualidades. Assim, embora este *self* grandioso estivesse presente e o conduzisse ao sucesso que eventualmente alcançou, conscientemente ele não se manifestava, mascarado pela culpabilidade e depressividade, e fê-lo ter uma atitude amplamente contraditória em relação à sua carreira literária. Como D. J. Taylor (2004) refere, Eric foi um homem “ambicioso, mas curiosamente desligado dos teatros da sua ambição” (p. 13), alguém que desejava e lutava pelo sucesso – tal como Hunt descreve – mas que o negava e se sentia culpabilizado por sequer pensar nele. A noção de que “qualquer livro é um fracasso” (Shelden, 1991, p.1) é o reflexo de alguém tão contraditoriamente envolvido com as suas fantasias de sucesso que “parecia mais confortável a admitir a derrota do que a reconhecer o sucesso” (op. Cit). A forma desprendida como mais tarde lida com o sucesso que alcançou demonstra o quão pouco preparado estava, internamente, para o alcançar. Não só face ao seu sucesso literário, mas igualmente face ao seu percurso profissional enquanto colonista, editor, locutor, etc, é facilmente

perceptível, devido ao seu carácter encoberto, “uma significativa auto-danificação masoquista, sentimentos de dor, e depressão” (Cooper, 1998).

A relação entre Eric e Eileen encaixa na “relação de reparação” descrita por Hunt no seu artigo *The Diffident Narcissist: A Character-Type Illustrated In The Beast In The Jungle By Henry James* (1995). Tal como no artigo, o casal estabelece uma relação assimétrica, onde ela se “mostra interessado na vida dele, observa tudo, exige-lhe nada, não o critica e aceita a sua visão sobre o que a sua vida significa. (...) Ela vê as suas necessidades, e tenta preenchê-las. Ele não conhece as necessidades dela” (p. 1263-4). A história da sua relação seguiu esta premissa: uma relação assimétrica orientada para as necessidades de Eric, onde Eileen foi o seu suporte e a figura que o apoiava nos seus projectos e nas ambições irrealísticas do seu *self* grandioso – ser um escritor reconhecido e admirado – enquanto as suas necessidades não tiveram voz na relação, vivendo, ambos, ao sabor dos desejos e ambições de Eric. A relação, a ele, “animava-o, tirava-o para fora de si mesmo, dava-lhe confiança nas suas capacidades” (Taylor, 2004, p. 159), e é um dado consensual que Eileen foi um instrumento valioso no crescimento artístico de Eric, embora, como Hunt salvaguarda, “tenha mudado a sua vida, mas não o seu carácter” (1995, p. 1264).

Também é possível encontrar na obra de Eric Blair traços do seu narcisismo. Por ter uma obra extremamente projectiva e auto-biográfica, muitas problemáticas do seu narcisismo encoberto estão refletidas nos diversos livros: a culpabilidade, a depressividade ou os sentimentos de vazio e aborrecimento são transversais à sua obra. É possível identificar a relação encoberta com o seu *self* grandioso em livros como *Down and Out in London and Paris* (1933), *Keep the Aspidistra Flying* (1936), e *Coming up to air* (1937), em que o protagonista aspira a um futuro grandioso mas acaba por cingir-se a uma vida que Eric encarava como vazia e frustrante. *1984* (1949) é o seu livro com maior conteúdo simbólico, fundindo problemáticas narcísicas como a sexualidade perversa, a nostalgia de infância, a culpabilidade narcísica ou o seu carácter desligado, deslocado e incompreendido. Por fim, no único livro em que o protagonista não é uma projecção clara sua, *A Clergyman's Daughter* (1935), Eric desenvolve a narrativa de uma forma que reflete a maneira como “secretamente abriga fantasias que está envolvido num resgate heróico de alguém com capacidades menores” (Cooper, 1998), tentando “salvar” a protagonista de uma existência vazia de classe média.

Temos, desta forma, aquele que parece ser o desenho do carácter narcísico em Eric Blair. Por falhas precoces prolongadas de pais emocionalmente frios e pouco empáticos, severos e exigentes, Eric cresceu com falhas ao nível da estrutura do *self*, da sua auto-estima e do seu bem-estar. Por isso mesmo, e porque a relação com a mãe se desenvolveu em torno do seu talento

literário precoce, Eric desenvolveria um *self* grandioso que envolveu a fantasia do sucesso irrealístico ao nível das artes, numa tentativa simbólica de ganhar o amor e o respeito dos pais que sentiu não receber durante a infância. Mas, por razões que os autores não permitem clarificar, o carácter narcísico de Eric desenvolveu-se de uma forma encoberta, pelo que ele não é o narcisista tipicamente retratado nos manuais: tem uma consciência muito severa, fortes sentimentos de culpabilidade e de negação face às suas fantasias grandiosas de ser um escritor aclamado e uma atitude introversiva, de modéstia e timidez, que “encobre” o carácter narcísico da sua personalidade, perceptível em todos os aspectos da sua vida.

CONCLUSÃO

O estudo realizado não teve como objectivo dar respostas definitivas que justifiquem a complexidade da personalidade de Eric Arthur Blair. Tudo o que foi feito, desde o estudo detalhado da sua vida, através de fontes biográficas fidedignas, até às hipóteses diagnósticas avançadas com recurso à bibliografia disponível, foi apenas uma tentativa de fazer uma leitura compreensiva que permitisse perceber melhor as nuances de alguém muito complexo mesmo para aqueles que lhe eram mais próximos. A sua complexidade, por inerência, não se esgota nos três aspectos que foram trabalhados, uma vez que o seu estudo deveu-se à relevância que aparentaram ter na formação e estruturação da sua personalidade, pelo que não é possível afirmar que o somatório e combinação das problemáticas estudadas é equivalente à complexidade da totalidade da personalidade Eric Blair. A complexidade da natureza humana não se resume a um somatório de características psicopatológicas, e qualquer estudo, por mais abrangente que fosse, falharia em captar, na totalidade, a essência do autor.

Ainda assim, este estudo permite olhar de uma forma sustentada e aprofundada para algumas das características que influenciaram, de forma vincada, a sua forma de ser, de sentir, de pensar e de agir, aplicando a teoria psicanalítica por forma a obter a leitura compreensiva que um trabalho desta natureza exige. O maior obstáculo para o cumprimento de tal objectivo foi, sem dúvida, a escassez de informação disponível a respeito da vida dos seus progenitores, bem como das suas experiências precoces, pelo que foi necessário olhar de forma especialmente atenta para a sintomatologia de cada uma das dimensões que foram estudadas.

É crível que a infância de Eric, ou pelo menos os seus contornos gerais, tenha sido igual a tantas outras infâncias em circunstâncias semelhantes, pelo que ter estado aos cuidados de criadas, ter visto pouco o pai ou até crescer sem a sua companhia em nada difere do que na época era considerado normal para uma criança da sua situação. Há, no entanto, outros indicadores que indiciam que a sua infância não terá sido emocionalmente satisfatória nem positivamente estruturalizante. Um desses indicadores é o enorme contraste das personalidades dos seus progenitores, que levaram a fazer identificações muito diferentes e contraditórias, o que por sua vez parece ter conduzido a uma ambivalência identificatória vincada. Outro indicador importante é o ambiente de privação emocional, tanto por parte de um pai emocionalmente e fisicamente distante, como por parte de um mãe sobre investida no seu papel de mãe, para quem os filhos foram um fonte de satisfação narcísica e identitária. Entre outros factores menos relevantes, mas

igualmente importantes para a construção de uma personalidade com contornos patológicos, contam-se uma saúde frágil nos primeiros anos de vida, poucas capacidades sociais e interpessoais e uma ausência de qualquer referência masculina.

Temos, deste modo, o quadro a partir do qual a patologia, ou a construção de defesas esquizóides e narcísicas, se desenvolveu: Eric foi o produto de um ambiente familiar emocionalmente precário, onde o seu pai era visto como inacessível e a mãe como alguém que podia unicamente ser conquistada através da construção de uma personalidade baseada nas características mais admiradas por ela. Era também alguém socialmente limitado, pouco capaz de estabelecer relações de amizade sólidas (uma das poucas excepções foram umas crianças que foram proibidas mais tarde brincar com Eric) e sem figuras de referência alternativas às quais se pudesse agarrar. É precisamente neste cenário que podem convergir todas as dimensões estudadas neste trabalho. A ambivalência das identificações, tal como os outros factores já indicados, contribuíram para a construção de noções de *self*, de auto-estima e de bem-estar defeituosas, que proporcionaram o desenvolvimento das restantes dimensões estudadas. A única possibilidade de ligação à mãe, através da criação artística e literária, levaram à criação de um *self* grandioso e às restantes defesas narcísicas. O facto de muitas das dimensões narcísicas assumirem uma dimensão encoberta justifica-se pela existência de uma dimensão esquizóide em Eric, uma vez que ambas as dimensões partilham de uma sintomatologia semelhante e algumas das características encobertas do seu narcisismo podem ser consideradas como esquizóides. A ausência de uma figura masculina durante a sua infância, estando sozinho entre muitas mulheres (mãe, criadas, irmãs), bem como as suas fracas capacidades sociais precoces, podem explicar o porquê de Eric ter desenvolvido o seu narcisismo de forma encoberta. O restante da sua juventude, nomeadamente *St. Cyprian's*, mais não fez do que reforçar e tornar estruturais estas características em Eric, uma vez que nenhum dos ambientes lhe deu o suporte emocional e estruturalizante que Eric tão avidamente necessitava.

A sua obra teria, conseqüentemente, de expressar toda esta complexidade. Foi, como foi possível perceber, uma obra extremamente pessoal, extremamente projectiva, que refletiu o sofrimento de Eric e a forma como tentava lidar com ele. Todas as dimensões estudadas, de uma forma ou de outra, estão presentes nas palavras que Eric escreveu ao longo dos anos, e até é possível perceber como ao longo dos anos estas problemáticas vão evoluindo. Mas não só nas suas palavras se reflete o peso destas dimensões na sua obra. O sonho de ser um escritor, associado ao *self* grandioso da personalidade narcísica, a batalha com e por esse mesmo sonho, o trajecto que teve enquanto escritor e a forma como lidou com a sua carreira, desde os inícios até à

fama mundial, e a escolha de um pseudónimo, George Orwell, estão umbilicamente ligadas a estas dimensões, e ajudaram a definir e a moldar o legado de Eric Arthur Blair, imortalizado como George Orwell.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- Abraham, K. (1924). *A short study of the development of the libido, viewed in the light of mental disorders*. In E. Jones (Ed.), *Selected papers of Karl Abraham M. D.* (pp. 418-501). New York: Basic Books.
- Akhtar, S. (1987). Schizoid personality disorder: A synthesis of developmental, dynamic, and descriptive features. *American Journal of Psychotherapy*, 41(4), pp. 499-518.
- Akhtar, S. (2000). The Shy Narcissist. In J. Sandler, R. Michels, & P. Fonagy (Eds.), *Changing ideas in a changing world: The revolution in psychoanalysis. Essays in Honour of Arnold Cooper*. London: Karnac Books.
- Akhtar, S., & Thomson, J. A. (1982). Overview: Narcissistic personality disorder. *American Journal of Psychiatry*, 139(1), pp. 12-20.
- Andresen, J. (1980). Conflict and the origins of identification. *Psychoanalytic Review*, 67(1), pp. 25-43.
- Balint, M. (1960). Primary narcissism and primary love. *Psychoanalytic Quarterly*, 29, pp. 6-43.
- Baranger, W. (1991). Narcissism in Freud. In J. Sandler, E. S. Person, & P. Fogany (Eds.), *Freud's "On narcissism: An introduction"* (pp. 108–130). New Haven, CT: Yale University Press.
- Bleuler, E. (1908). *Textbook of psychiatry*. New York: The McMillan Company.
- Bowker, G. (2003). *George Orwell*. London: Abacus.
- Chasseguet-Smirgel, J. (1975). *L'idéal du moi: Essai psychanalytique sur la "maladie d'idéalité"*. France: Tchou.
- Compton, A. (1985). The concept of identification in the work of Freud, Ferenczi, and Abraham: A review and commentary. *Psychoanalytic Quarterly*, 54, pp.200-234.
- Cooper, A. M. (1986). Narcissism. In A. P. Morrison (Ed.), *Essential papers on narcissism*. New York: New York University Press.

- Cooper, A. M. (1998). *Further developments in the clinical diagnosis of narcissistic personality disorder*. In E. F. Ronningstam (Ed.), *Disorders of narcissism: Diagnostic, clinical, and empirical implications* (pp. 53-74). Washington, DC: American Psychiatric Press.
- Emch, M. (1944). On 'the need to know' as related to identification and acting out. *International Journal of Psychoanalysis*, 25, pp.13-19.
- Etchegoyen, R. (1985). Identification and its vicissitudes. *International Journal of Psychoanalysis*, 66, pp.3-19.
- Etchegoyen, R. (1991). "On narcissism": Text and context. In J. Sandler, E. Person, & P. Fonagy (Eds.), *Freud's "On Narcissism: An introduction"* (pp. 54-74). Yale College: Yale University Press.
- Fairbairn, D. (2000). *Estudos psicanalíticos da personalidade*. Alpiarça: Veja Universidade.
- Ferenczi, S. (1909). *Introjection and transference in sex in psychoanalysis*. New York: Basic Books.
- Freud, S. (1900). *Interpretation of dreams*. New York: Barnes and Noble.
- Freud, S. (1915). O instinto e suas vicissitudes. In J. Strachey (Ed.), *Edição standart brasileira das obras psicológicas completas de Freud* (Vol. 14, pp. 117-146). Rio de Janeiro, Brasil: Edição Standart.
- Freud, S. (1917). Luto e melancolia. In J. Strachey (Ed.), *Edição standart brasileira das obras psicológicas completas de Freud* (Vol. 14, pp. 245-270). Rio de Janeiro, Brasil: Edição Standart.
- Freud, S. (1961). The ego and the id. In J. Stachey (Ed.), *The standard edition of the complete psychological works of Sigmund Freud: The ego and the id and other works* (Vol. 19, pp. 12-66). London: The Hogarth Press, & The Institute of Psycho-Analysis
- Freud, S. (1961). The economic problem of masochism. In J. Stachey (Ed.), *The standard edition of the complete psychological works of Sigmund Freud: The ego and the id and other works* (Vol. 19, pp. 155-170). London: The Hogarth Press, & The Institute of Psycho-Analysis
- Gabbard, G. (1989). Two subtypes of narcissistic personality disorder. *Bulletin of the Menninger Clinic*, 53(6), pp. 527-532.

- Guntrip, H. (1968). *Schizoid phenomena, object relations and the self*. London: The Hogarth Press Ltd.
- Hartmann, H. (1950), Comments on the psychoanalytic theory of the ego. *The Psychoanalytic Study of the Child*, 5, pp. 74-96.
- Horney, K. (1939). *New ways in psychoanalysis*. New York: Norton.
- Hunt, W. (1995). The diffident narcissist: A character-type illustrated in the beast in the jungle by Henry James. *International Journal of Psychoanalysis*, 76, pp.1257-1268.
- Jacobson, E. (1964). *The self and the object world*. New York: International University Press.
- Kernberg, O. (1975). *Borderline conditions and pathological narcissism*. London: Jason Aronson Inc.
- Koff, H. (1961). A definition of identification: A review of the literature. *International Journal of Psychoanalysis*, 42, pp. 362-371.
- Kohut, H. (1968). The psychoanalytic treatment of narcissistic personality disorders: Outline of a systematic approach. *Psychoanalytic Study of the Child*, 23, pp. 86-114.
- Kohut, H. (1966). Forms and transformations of narcissism. *Journal of the American Psychoanalytic Association*, 14, pp. 243-272.
- Kohut, H. (1971). *The analysis of the self*. New York: International Universities Press.
- Kramer, S. (1986). Identification and its vicissitudes as observed in children: A developmental approach. *International Journal of Psychoanalysis*, 67, pp. 161-173.
- Joffe, W., & Sandler, J. (1987). On disorders of narcissism. In J. Sandler (Ed.), *From safety to superego* (pp. 180-190). London: Karnac Books.
- Jones, E. (1913). The god complex. In E. Jones (Ed.), *Essays in applied psychoanalysis* (pp.244-265). New York: Int. Univ. Press.
- Laing, R. D. (1990). *The divided self: An existential study in sanity and madness*. New York: Penguin Books.
- Meissner, W. W. (1970). Notes on identification: I. origins in Freud. *Psychoanalytic Quarterly*, 39, pp.563-589.
- Miller, A. (1981). *The drama of the gifted child*. United States: Basic Books, Inc.

- Moncayo, R. (2006). The partial object, the ideal ego, the ego-ideal, and the empty subject: Four degrees of differentiation within narcissism. *Psychoanalytic Review*, 93(4), pp.565-602.
- Moore, B. E. (1975). Toward a clarification of the concept of narcissism. *Psychoanalytic Study of the Child*, 30, pp.243-276.
- Ornstein, P. H. (1991). On narcissism: Beyond the introduction, highlights of Heinz Kohut's contributions to the psychoanalytic treatment of narcissistic personality disorders. *Annual of Psychoanalysis*, 2, pp.127-149.
- Pulver, S. (1970). Narcissism: The term and the concept. *Journal of the American Psychoanalytic Association*, 18, pp.319-341.
- Reich, A. (1986). Pathologic forms of self-esteem regulation. In A. Morrison (Ed.), *Essential papers on narcissism* (pp. 44-60). New York: New York University Press.
- Reich, W. (1935). Psychic contact and vegetative current character analysis. In M. Higgins, & C. Raphael (Eds.), *Wilhelm Reich: Character analysis* (pp. 285-351). New York: Farrar, Straus and Giroux.
- Rosenfeld, H. (1964). On the psychopathology of narcissism: A clinical approach. *International Journal of Psychoanalysis*, 45, pp.332-337.
- Sandler, J. (1960). On the concept of superego. *Psychoanalytic Study of the Child*, 15, pp.128-162.
- Sandler, J. (1987). *From safety to superego*. London: Karnac Books.
- Sassure, R. (1939). Identification and substitution. *International Journal of Psychoanalysis*, 20, p.465.
- Segal, N. (1969). Repetition compulsion, acting out, and identification with the Doer. *Journal of the American Psychoanalytic Association*, 17, pp. 474-488.
- Shelden, M. (1991). *George Orwell: The authorized biography*. London: William Heinemann, Ltd.
- Silverman, M. A. (1986). Identification in healthy and pathological character formation. *International Journal of Psychoanalysis*, 67, pp.181-191.
- Silverstein, M. L. (2007). *Disorders of the self: A personality-guided approach*. Washington: American Psychological Association.

- Smith, D. L. (1985). Freud's developmental approach to narcissism: A concise review. *International Journal of Psychoanalysis*, 66, p.489-498.
- Taylor, D. J. (2004). *Orwell the life*. London: Vintage.
- Teicholz, J. G. (1978). A selective review of the psychoanalytic literature on theoretical conceptualizations of narcissism. *Journal of the American Psychoanalytic Association*, 26, pp.831-861.
- Waelder, R. (1925). The psychoses, their mechanisms and accessibility to influence. *International Journal of Psychoanalysis*, 6, pp.259-281.
- Winnicott, D. D. (1965). *The maturational process and the facilitating environment*. New York: International University Press.